UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

LURDES TERESA LOPES JORGE

Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista

SÃO PAULO
2018

LURDES TERESA LOPES JORGE

Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Filologia e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

De acordo

Márcia Santos Duarte de Oliveira

Orientadora: Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Jorge, Lurdes Teresa Lopes
J82r Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista / Lurdes Teresa Lopes Jorge ; orientadora Márcia Santos Duarte de Oliveira. - São Paulo, 2018.
81 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Linguística. 2. Linguística Gerativa. I. de Oliveira, Márcia Santos Duarte, orient. II. Título.

JORGE, L. T. L. **Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL**: um estudo em perspectiva gerativista. 2018. 82 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em: 10/10/2018

Banca Examinadora

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Presidente)
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: _____

Profa. Dra. Rosana Reigota Naves
Instituição: Universidade de Brasília
Julgamento: _____

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos
Instituição: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Julgamento: _____

Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Morais
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: _____

Profa. Dra. Maria Clara Paixão
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: _____

Aos meus pais (*in memoriam*), ao meu marido (*in memoriam*), às minhas filhas e ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

Tenho me preparado há muito tempo para escrever "palavras de agradecimento". Hoje tenho certeza de que não se trata de tarefa fácil. É dificílima, isso sim! Pode-se fazer uma introdução, mas resumir é impossível, quando há tanto a agradecer, e tantos a serem agradecidos! Então, o que tenho a fazer é dizer que agradeço:

Aos meus pais (*in memorian*), pelo primeiro incentivo aos estudos, e por todo o amor que sempre me dedicaram;

Ao meu marido (*in memorian*), pelo amor e pelo apoio, sempre, a mim dedicados;

Aos meus filhos, pelo apoio nas horas mais fáceis e, sobretudo, nas mais difíceis;

À minha família, por me compreender e me apoiar;

À Márcia, minha orientadora e, sobretudo, a amiga de todos os momentos, e, também, pelo convite feito a mim para que eu participasse do "Projeto Libolo"; o que me deu "fôlego" renovado para perseguir no sonho do "doutorado";

Ao Carlos, por ter aceito minha participação no Projeto Libolo; e pelas discussões "ergativas";

Aos participantes do Projeto Libolo;

Aos libolenses;

Aos amigos, enfim, a todos os amigos, que me acompanharam nesta jornada, desde sempre, numa espécie de "torcida", para que, afinal, o "título" viesse!

Do ponto de vista do apoio financeiro e logístico a membros do "Projeto Libolo", durante a permanência no Libolo, agradeço à Global Seguros – Companhia Angolana de Seguros, AS.

A Deus, e a todos os anjos da guarda que olham por mim – e eu sei que, sim!

E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

(PESSOA, 2016, p. 200).

RESUMO

JORGE, L. T. L. **Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL**: um estudo em perspectiva gerativista. 2018. 82f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta tese investiga o fenômeno das perguntas polares do Português do Libolo - PLB, em que discuto na perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão conhecida como Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2005 e 2008, e versões subsequentes), aspectos da derivação sintática de respostas afirmativas a perguntas polares, em sentenças do PLB. A análise dos dados do PLB mostrou que respostas afirmativas a perguntas polares no PLB distribuem-se, preferencialmente, em respostas verbais e respostas com a partícula "sim", que podem ser entendidas como instanciadoras de um traço de polaridade lexicalizado pelo verbo, quando o elemento verbal é núcleo de fase em que é licenciada a elipse de VP e pela partícula "sim", na fase CP. O enfoque teórico é a Teoria de derivação por fases, do Programa Minimalista.

Palavras-chave: Perguntas polares. Elipse. Teoria da derivação por fase.

ABSTRACT

JORGE, L. T. L. **Affirmative answers to polar questions in the PBL**: a study in generative perspective. 2018. 82p. Thesis (Doctoral Dissertation in Philology and Portuguese Language) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This thesis concerns the phenomenon of the Polar Interrogatives (PI) in Portuguese spoken in Libolo (PLB), discussing – throughout the Principles and Parameters theory in its version known as the Minimalist Program (as set by Chomsky (1995) and following works) – issues on the derivation of the syntactic structure of affirmative responses of PI sentences in PLB. The analysis of PLB data showed that affirmative answers to polar questions in PLB are distributed, preferably, in verbal responses and responses with the "yes" particle. The affirmative responses of PI sentences in PLB can be understood as instanciers of a polarity feature which is lexicalized by the verb, when the verbal form is the head of the phase that licenses VP ellipses and the “yes” particle, when the phase is CP. The theoretical approach is the Phase Theory of the Minimalist Program.

Keywords: Polar Interrogatives (PI). Ellipsis. Phase Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Vista parcial da Banza da Cabuta 20
Ilustração 2 – Aldeia da Pedra Escrita, Comuna da Munenga 21
Ilustração 3 – Pesquisadores do “Projeto Libolo” e libolenses do Quissongo 21

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Município do Libolo e sua localização geográfica/Angola 19
Mapa 2 – Comunas administrativas e índices populacionais do Libolo 22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Auxiliares Linguísticos (AL) 21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

Objetivos da tese 16

Configuração da tese 18

CAPÍTULO 1 19

1.1. Considerações gerais 19

1.2. Considerações sobre o Projeto Libolo - a pesquisa linguística e a recolha dos dados 23

CAPÍTULO 2 25

2.1. A organização estrutural das sentenças no PLB – sujeitos preenchidos (plenos) e o não preenchimento do sujeito (sujeito nulo) 25

2.1.1. Forma pronominal de primeira pessoa 26

2.1.2. Terceira pessoa do singular 29

2.1.3. Terceira pessoa do plural 30

2.2. A representação do clítico "lhe" 31

2.3. Tópico 32

CAPÍTULO 3 34

3.1. Sobre asserções, sentenças declarativas e perguntas – algumas diferenças significativas 34

3.1.1. Considerações iniciais 34

3.1.2. O domínio empírico: perguntas polares e respostas 34

3.2. Aspectos relevantes para a pesquisa 38

3.3. Os dados do PLB 40

3.3.1. As entrevistas 40

3.4. Sobre as estruturas morfossintáticas instanciadas em respostas afirmativas a perguntas sim-não do PLB 52

3.4.1. Um rápido panorama 53

3.4.1.2. **Respondendo sim.** 54

CAPÍTULO 4 57

4.1. Sobre a sintaxe da elipse574**.2. "Elipse" em contextos responsivos a perguntas polares – sim-não 57 alguns estudos sobre o PB e o PE** 58

4.2.1. Para "responder" à sua pergunta, no PB. 59

4.2.2. A possibilidade de resposta verbal mínima/curta e a opcionalidade do "sim" 60

4.2.3. Respondendo afirmativamente no PE – apresentando "Padrões Responsivos" 60

4.2.4. Síntese dos estudos 61

4.3. Derivação de uma sentença em perspectiva gerativista minimalista – considerações gerais 62

4.3.1. Sobre a derivação por fases 63

CAPÍTULO 5 67
5.1. Relembrando "elipse" e "fase" 67
5.1.1. Em direção a uma proposta 67
5.2. A distribuição de respostas verbais e com "sim" no PLB e a proposta de análise de respostas a perguntas sim-não no PLB 68
5.3. Um pouco mais sobre a proposta de representação da "elipse" 70
5.4. Considerações finais sobre a proposta 71
6.**CONCLUSÂO** 73

REFERÊNCIAS 76

INTRODUÇÃO

Nesta tese, investigo contextos responsivos a sentenças interrogativas polares no português do Libolo (PLB), debatendo, à luz da teoria de Princípios e Parâmetros, em sua versão conhecida como Programa Minimalista (tal como proposto em Chomsky (1995) e versões subsequentes), questões referentes à sintaxe de respostas afirmativas a esse tipo de sentença do PLB.

No que diz respeito a línguas em situação de contato, as interrogativas polares, ou perguntas sim-não, embora tenham sido menos estudadas – se levados em consideração estudos sobre interrogativas QU- (JORGE, L.; OLIVEIRA, M., 2012) –, configuram-se como temática de extrema relevância. No caso específico do PLB, acredita-se que esta tese traga investigação pioneira sobre interrogativas sim/não.

Quanto às estruturas focalizadas neste trabalho, importa observar que optei por descrevê-las e analisá-las a partir de *respostas afirmativas a perguntas polares também afirmativas.* Além de indicarem, numa perspectiva semântica, diferentes instanciações do *responder,* também apontam um conjunto de propriedades morfossintáticas, lexicais e estruturais que as distinguem no estudo acerca do fenômeno conhecido como "elipse", fenômeno esse que, nesta tese, será enfocado com base nos pressupostos da derivação por fase, conforme versões recentes do minimalismo (CHOMSKY, 2005, 2008, em especial), notadamente no que se refere a uma proposta promissora – dentro da atual teoria da gramática – de análise acerca de elipse, qual seja a de feição fonológica, que assume que o material elíptico é representado sintaticamente, mas "deletado" em um determinado ponto da derivação da sentença – ou, ainda, "não enviado" à interface fonológica, como é a linha desta tese.

A análise dos dados do PLB mostrou que respostas afirmativas a perguntas polares no PLB distribuem-se, preferencialmente, em respostas verbais e respostas com a partícula "sim". No que se refere à distribuição de respostas verbais e de respostas com a partícula "sim" em contextos responsivos a perguntas polares, evidenciam-se propriedades morfossintáticas de itens lexicais, no que se refere ao seu conjunto de traços formais, o que reforça a ideia de que as diferenças entre as línguas são de natureza essencialmente superficial, ou seja, a variação tem explicação no léxico.

Ainda, nesta tese, faço a associação de pressupostos da derivação por fase a aspectos de análise ligados ao fenômeno de elipse no que se refere ao domínio empírico de respostas a perguntas polares do PLB, o que pode ser visto como uma proposta de análise que se distingue de outras propostas em que estruturas que representam elipse em respostas a perguntas polares podem ser reduzidas ao movimento ou a outros processos sintáticos independentemente existentes.

Objetivos da tese

Este trabalho tem como objetivos descrever as respostas afirmativas a perguntas polares – sim/não – do PLB e oferecer uma análise formal de suas propriedades morfossintáticas, relativamente ao fenômeno conhecido como "elipse". O objetivo principal é explicitar, no contexto de estudos que enfocam o contato linguístico, fenômenos gramaticais que expliquem a distribuição verificada, em dados do PLB, acerca de traços de polaridade afirmativa nesses contextos responsivos.

Tendo em mente que a sintaxe fornece a estrutura que será interpretada no componente semântico, e, com base em pressupostos da derivação por fases – que serão apresentados no Capítulo 3 – associados ao enfoque de elipse centrado na derivação por fases (GENGEL, 2007), o estudo é organizado em torno de uma distinção que tem relevância tanto teórica quanto empírica acerca da atualização de "marcadores" de polaridade em respostas afirmativas.

Os dados desta tese, que se desenvolve sob o escopo do "Projeto Libolo", remetem a contextos de conversa espontânea – no registro "entrevista". Sobre o conjunto de dados selecionados para descrição e análise nesta tese, ratifico a importância de apresentá-los em sua quase totalidade, no que se refere ao contexto de uma dada "entrevista", o que poderá motivar a inserção de um conjunto maior de "perguntas" dirigidas ao informante, no curso na entrevista, ainda que as propriedades morfossintáticas da "resposta" não sejam descritas/ analisadas nesta tese. Porém, a divisão desses contextos em dados "distintos", cumpre a função de facilitar a referência às estruturas e às propriedades envolvidas, quando da descrição e da análise, apresentadas nas próximas seções.

Ainda sob o ponto de vista teórico, importa apontar que a questão trazida pela configuração do léxico para a arquitetura da Faculdade da Linguagem (LOBATO, 2010) justificaria o interesse do presente estudo, no que se refere não somente à teoria linguística de base gerativista, mas também à linguística de contato, em que se insere esta tese. Assim, a proposta a ser levada a efeito nesta pesquisa deixa transparecer, pelo menos, três aspectos em que o estudo das propriedades dos itens lexicais e sua relação com a sintaxe, e discurso, são relevantes:

(i) trata-se de um estudo relevante para a extensão do conhecimento das propriedades do PLB no que se refere a dados que têm sido investigados no português brasileiro - PB e no português europeu - PE;

(ii) o estudo é relevante para o aprofundamento dos conhecimentos sobre as relações entre a sintaxe e o léxico, relativamente à arquitetura da gramática e à variação paramétrica, em especial;

(iii) trata-se de estudo relevante, outrossim, para o avanço da investigação sobre variação, como um todo, sobretudo porque haverá investigação de base teórica gerativista fundada em investigações, perspectivas e descobertas trazidas por dados de língua em situação de contato.

Esta pesquisa insere-se, ainda, em um quadro mais amplo: aquele relativo a investigações em teoria gramatical quanto à relação entre sintaxe e discurso – tais aspectos, que importam para a arquitetura da gramática, já merecem uma reavaliação. Os objetivos, assim, encontram-se interligados, formal e conceitualmente, a partir do enfoque teórico em que nos baseamos – a teoria de perspectiva gerativista –, em especial as propostas sistematizadas no Programa Minimalista, em suas versões atuais (CHOMSKY, 2001, 2005, 2008). A hipótese inicial – a que, enfim, nos levou à escolha de respostas afirmativas a perguntas polares para descrição e análise – recai sobre uma das atividades mais gratificantes da minha participação na pesquisa do "Projeto Libolo" – as entrevistas –, no que se refere àquilo que é dito e, principalmente, o que não é dito – a elipse –, sendo considerado o par "pergunta-resposta". A elipse – o silêncio que "fala" – é, em última análise, um aspecto intrigante das línguas e tem sido estudado há anos. Este trabalho apresenta-se como contribuição ao estudo desse fenômeno acerca de uma língua em situação de contato, como é o caso do português do Libolo (PLB).

Configuração da tese

Esta tese está configurada em cinco capítulos e uma conclusão, a seguir delineados brevemente:

Capítulo 1: apresentam-se aspectos gerais sobre o município Libolo/Angola, sobre o "Projeto Libolo" e sobre a pesquisa linguística levada a efeito relativamente ao Português do Libolo – doravante PLB, no âmbito do Projeto.

Capítulo 2: traz uma apresentação descritiva, no sentido de que não serão apresentadas análises detalhadas de propostas acerca dos fenômenos morfossintáticos do PLB. No entanto, nesta parte, tomo como ponto de partida – assim como nos demais capítulos da tese – uma orientação teórica de perspectiva gerativista, ou seja, levo em conta, nesta descrição, pressupostos que a literatura gerativista tem considerado relevantes para a análise de propriedades morfossintáticas do PB e do PE, por exemplo.

Capítulo 3: apresento os dados do PLB extraídos de entrevistas, que foram realizadas no âmbito do Projeto Libolo. Em primeira instância, os dados são analisados e distribuídos relativamente a propriedades morfossintáticas instanciadas nas respostas afirmativas a perguntas polares.

Capítulo 4: abordo aspectos relativos ao fenômeno da "elipse", em contextos de resposta afirmativa a perguntas polares, e faço um resumo de estudos sobre elipse em contextos responsivos no PB e no PE; apresento, ainda, uma síntese de pressupostos gerativistas acerca da proposta de derivação por fases (CHOMSKY, 2001, 2005, 2008), os quais interessam à hipótese defendida nesta tese.

Capítulo 5: analiso a distribuição de dados do PLB, no que diz respeito a aspectos morfossintáticos que se observam nas respostas afirmativas polares e na apresentação de minha proposta de análise sobre as respostas afirmativas a perguntas polares do PLB.

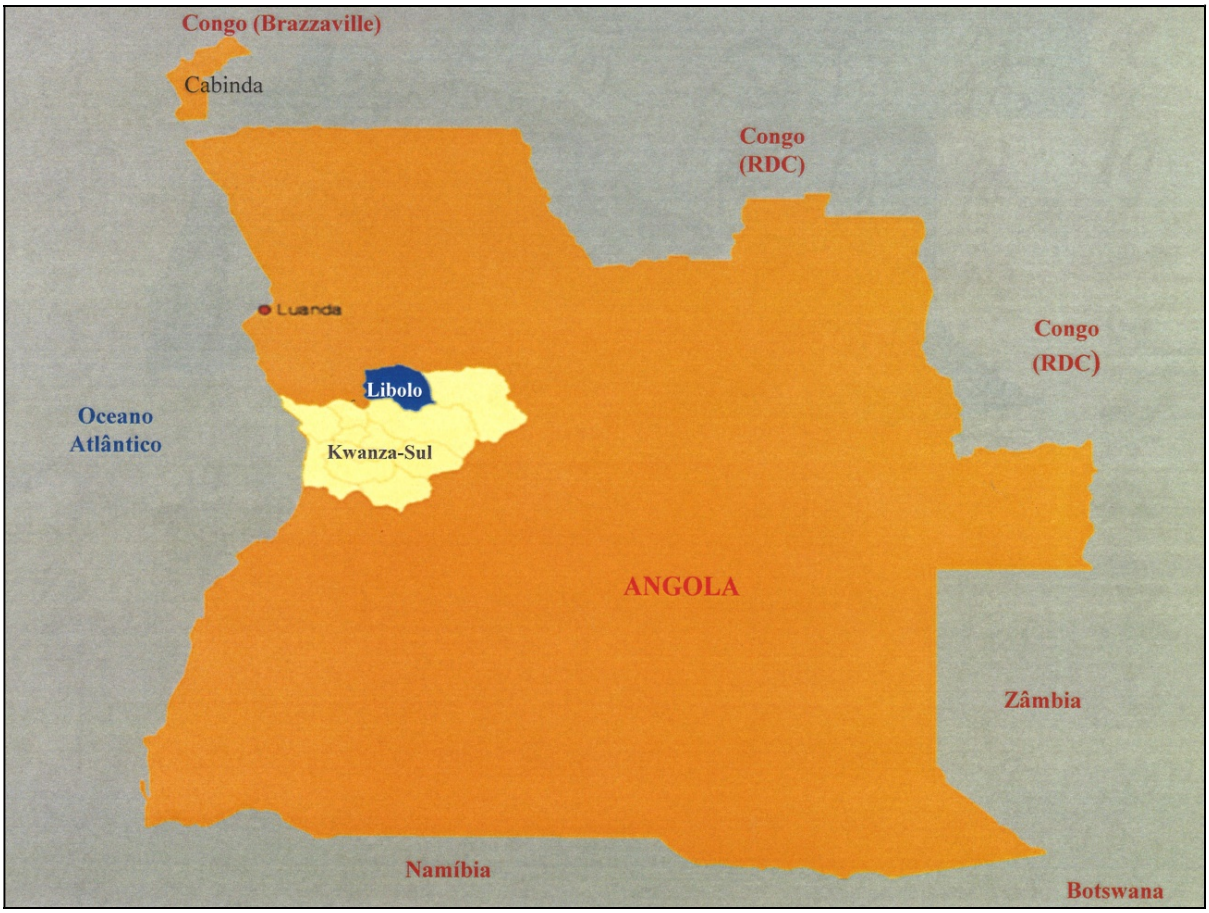
6. Conclusão: teço as considerações finais e apresento as perspectivas para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 1

O Município do Libolo/Angola; o Projeto Libolo, a pesquisa sobre o PLB e a caracterização dos auxiliares linguísticos

1.1. Considerações gerais

O Libolo é um município do interior de Angola (margem sul do rio Kwanza), composto por quatro comunas administrativas (Calulo, Munenga, Cabuta e Quissongo) e pertencente à Província do Kwanza-Sul, margem esquerda do rio Kwanza. A região foi povoada por povos ambundo no século XVI, em consequência das grandes migrações dos banto da África Central, que alcançaram primeiramente o território angolano no século XIII.



Mapa 1 – Município do Libolo e sua localização geográfica/ Angola1

1 Figueiredo (2016: 20).

Ilustração 1 – Vista parcial da Banza da Cabuta [2]

2 Figueiredo & Oliveira (2016: 221).

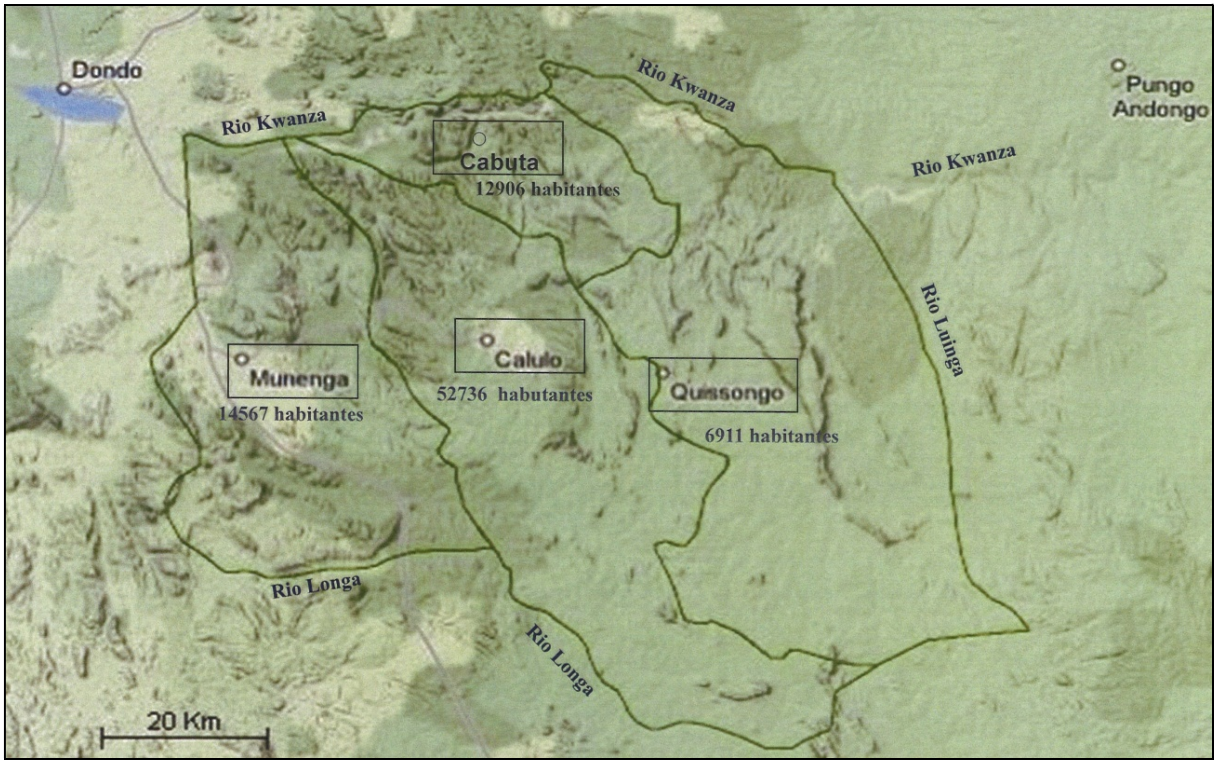
Ilustração 2 – Aldeia da Pedra Escrita, Comuna da Munenga3

Ilustração 3 – Pesquisadores do “Projeto Libolo” e libolenses do Quissongo4

3 Foto do acervo do “Projeto Libolo”. Da direita para a esquerda: pesquisadoras Márcia Oliveira e Lurdes Jorge, e Auxiliar Linguístico – AL.

4 Figueiredo & Oliveira (2016: 242).

As tentativas de colonização do Libolo falharam ao longo dos séculos: os portugueses traçaram um plano de colonização efetiva do interior angolano - o que iria determinar a subjugação do Libolo em 1918, quando os últimos sobas revoltosos foram eliminados - somente após a independência do Brasil (1822) e o fim do comércio de escravos (1836-1842). A partir de então, deu-se a entrada de colonos no município. Habitada por nativos, falantes do quimbundo L1, variedade libolo ou ngoya, a região do Libolo insere-se na zona H.23 (GUTHERIE, 1948), em área de transição para a zona R.10 (GUTHERIE, op. cit), ocupada por povos ovimbundo, falantes do umbundo.



Mapa 2 – Comunas administrativas e índices populacionais do Libolo5

Grosso modo, aponta-se que, devido à ocupação tardia do Libolo, que apenas aconteceu em pleno século XX, como já observado, o contato linguístico na região apenas se verificou entre o quimbundo e o português contemporâneo (FIGUEIREDO; OLIVEIRA (2013: 125). Ainda, pode-se apontar que a comunidade do Libolo é uma área banta sobre a qual se pode afirmar que uma substancial parte dos habitantes é falante do português L2, que tem como substrato direto o quimbundo, variante libolo e que, em alguns casos, os falantes são monolíngues em português.

5 Figueiredo (2016: 22).

Por oportuno, aponto que a descrição de respostas afirmativas a perguntas polares do PLB reveste-se de importância no que se refere à investigação que tem como base a competência do falante, ou, em termos mais atuais do enfoque gerativista (CHOMSKY, 1995 e subsequentes), a Língua I, sobretudo no que se refere a predições acerca de línguas em situação de contato. As descrições a serem apresentadas nesta tese, encontram-se, assim, interligadas, formal e conceitualmente, por meio do enfoque teórico em que nos baseamos (a teoria de perspectiva gerativista), em especial as propostas sistematizadas no Programa Minimalista, em suas versões atuais (CHOMSKY, 1995, 2000, 2005, 2006).

1.2. Considerações sobre o Projeto Libolo - a pesquisa linguística e a recolha dos dados

O projeto "Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários", é também designado "Projeto Libolo". A coleta dos dados de fala do PLB, feita no âmbito do ""Projeto Libolo"", ocorreu em dois períodos distintos: o primeiro, em maio/junho de 2011; o segundo, em julho/agosto de 2013. No caso concreto desta tese, a investigação acerca do português falado pelos habitantes do Município do Libolo traz um recorte empírico, em que se enfocam respostas afirmativas a perguntas polares – também designadas como perguntas globais ou perguntas sim-não - do ponto de vista de suas propriedades morfossintáticas. Para esta análise, recorro a dados de fala espontânea, selecionados por mim, a partir de entrevistas realizadas pelos pesquisadores do referido projeto, entre os quais me incluo. Em 2011, foram coletadas cerca de 50 horas de dados de fala pelo autor Carlos Figueiredo; já, em 2013, foram coletadas cerca de 250 horas, por uma equipe de 16 pesquisadores do "Projeto Libolo", entre os quais me incluo. No total recolheram-se cerca de 300 horas de dados de fala, estando, parte das coletas de 2013, ainda em fase de transcrição.

Para efeito de transcrição dos dados de fala – que é seguida por todos os pesquisadores, conforme orientação da coordenação do Projeto (BANDEIRA, M; FIGUEIREDO, C.G; FREITAS, S; LOPES, F.J; OLIVEIRA, M. S.D.; SANTOS, E.F&SILVA, R.A., 2014). Os dados a serem descritos e analisados nesta tese estão no escopo do "Projeto Libolo" e serão apresentados e descritos no Capítulo 3 desta tese; no Capítulo 4, apresento minha análise do fenômeno, à luz de teoria de perspectiva gerativista. Observe-se que, nesta tese, o dados – colhidos na modalidade entrevista, como já observado – contemplam seis (6) auxiliares linguísticos, a saber: FE1 (até aos 12 anos); FE-2 (13-20 anos);

FE-3 (21-40 anos); FE4 (41-60 anos); FE5 (+ 60 anos), tendo sido selecionados dois auxiliares linguísticos da faixa etária 2 – de 13 a 20 anos.

Identificação por idade	Faixa etária	Siglas
1	(- até 12 anos)	LUSAMH1
2	(13-20 anos)	MAIPAM2
		MIJOMH2
3	(21- 40 anos)	ANFERH3
4	(41-60 anos)	COCAMH4
5	(+ de 60 anos)	VACHIH5

Tabela 1 – Auxiliares Linguísticos (AL)

CAPÍTULO 2
Sobre propriedades morfossintáticas do PLB

Neste Capítulo, faço uma apresentação descritiva - no sentido de que não serão apresentadas análises detalhadas de propostas acerca dos fenômenos morfossintáticos do PLB. No entanto, também aqui tomo como ponto de partida - assim como nos demais capítulos da tese - uma orientação teórica de perspectiva gerativista, ou seja, levo em conta, nesta descrição, pressupostos que a literatura gerativista tem considerado relevantes para a análise de propriedades morfossintáticas do PB e do PE, por exemplo.

2.1. A organização estrutural das sentenças no PLB – sujeitos preenchidos (plenos) e o não preenchimento do sujeito (sujeito nulo)

Grosso modo, parto da ideia de que "sujeito" nulo é o nome que se dá a "sujeitos pronominais que não são pronunciados", ou seja nome dado, porque, em perspectiva ampla da Teoria da Gramática – de base gerativista -, a posição sintática do sujeito não estaria vazia, mas ocupada por um elemento foneticamente nulo, uma categoria vazia – um enfoque, já clássico, em pesquisas de perspectiva gerativista, o qual tem pontuado o complexo caminho do denominado "parâmetro Pro-drop", desde seu advento, na linguística gerativista (CHOMSKY, 1995, em especial).

Apesar de ainda não serem muitos os estudos acerca das características morfossintáticas e semânticas dos "sujeitos nulos" no PLB, sigo as considerações de Silva (2017), que aponta a ocorrência de sujeitos nulos e sujeitos preenchidos no PLB, observando, ainda, uma maior tendência de não preenchimento do sujeito (SILVA, op. cit). Nesse mesmo estudo, não se apontam diferenças entre a representação de primeira ou terceira pessoas, no entanto. Tomando como ponto de partida alguns dados do PLB da pesquisa levada a efeito nesta tese, aponto, aqui, o que "parece" acontecer relativamente ao sujeito não preenchido em sentenças do PLB:

2.1.1. Forma pronominal de primeira pessoa

Como já foi observado, minha proposta, nesta seção, é apresentar considerações acerca dos aspectos selecionados para uma breve descrição, não chegar a uma proposta de análise, mas observo, por oportuno, que, sobre a questão morfológica, concorrem, no caso do PB, grosso modo, duas hipóteses que buscam explicar a tendência atual de preenchimento da posição de sujeito no PB:

(i) a hipótese de que o empobrecimento do paradigma flexional verbal no PB estaria levando o falante dessa língua a preencher cada vez mais a posição de sujeito (DUARTE, 1993);

(ii) a hipótese de que tal preenchimento se deveria à possibilidade de o português ser uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999), e, nesse caso, poderia ser de importância significativa a morfologia de primeira pessoa.

Pois bem, sejam considerados os dados do PLB a seguir.

> [1] [ANFERH3].
> AL: foram (por) volta dez...dezenove hora e tal **sai** da minha casa, **fui** a casa "d"um" amigo, amigo não, de primo também, primo amigo.

> [2] [MIJOMH2]
> AL: **começamo** a brincar, um pegava a arma, outro pegava, passava aquela: "deixa-me ver." No que **eu** peguei só sustei [escutei] um coiso, um barulho, **fiquei** assustado.... (grifos meus, como forma de destacar a realização da primeira pessoa do plural não preenchida; assim como para a primeira pessoa preenchida)
> DOC1: Me conta de Luanda, um pouco.
> AL: {RISO}
> DOC1: Nós *num* conhecemos.
> AL: {RISO} *Ya* [= sim], o… eu// o… eu vinha *des* [= desde] de Luanda. Em... em Luanda **eu** trabalhava, fa- fazia bolo. Trabalhava na pastelaria.
> DOC2: Já… já ficou muito tempo lá em Luanda?.
> AL: é, **fiquei** lá seis meses

Em relação aos dados em (1) e (2) – acima apresentados -, é possível acenar com a ideia de que a primeira pessoa do singular, no PLB, seria determinada pela morfologia flexional do verbo? Nesse caso, seria favorecida a presença de sujeitos não preenchidos? Se assim fosse, a distribuição de sujeito nulo de primeira pessoa versus o "preenchimento" poderia ser explicada por ênfase?

Vejamos alguns outros dados do PLB:

[3] [MIJOMH2]
DOC1: E me diz aí: seu pai e sua mãe falam quimbundo?
AL: O meu pai fala.
DOC1: E sua mãe, não?
AL: Fala, a mãe também fala.
DOC1: Também fala. **E você fala quimbundo?**
AL: **Também falo.**
DOC1: Que bom. **Então você fala português e quimbundo?**
AL: Sim.
DOC1: Eh… por exemplo, você *tá* com muita raiva, assim, **quando você quer falar um palavrão...**
AL: Sim.
DOC1: … **você vai no quimbundo ou você vai no português?**
AL: Não, **vou** no português.

[4] [MAIPAM2]
DOC: gostas de ler as histórias da Bíblia?
AL: gosto ..... **eu** conheço várias /mas não me **lembro**
[5][MIJOMH2]
DOC: Ham… me dás uma receita de bolo?
AL: Bolo? Pode ser bolo... eh... bolo de Berlim...
DOC1: É, por favor.
AL: … ou pode ser *caracole*?
DOC: Me dá um de Berlim.
AL: De Berlim?
DOC1: Hum.
AL: Eh… bolo de Berlim **eu** faço com leite, *óvo*, açúcar, manteiga, água...
DOC2: Como faz?
AL: ...é isso. Primeiro **meto** o leite, depois **meto** *açúcare*, **meto** trigo, **meto** fermento**, meto** *óvo*, mais quê? **Meto** *óvo*, mai... mais o que... o que *precisá(r)*, depois ***misto*** [= misturo] com água.

[6] [MIJOMH2]

DOC1: Ó (...), tens uma profissão.

AL: {RISO} Isso **aprendi** mesmo lá. **Aprendi** em um… em um… em um mês.

DOC1: Hum...

AL: Sim.

.....

DOC1: Difícil. Que você acha disso? Acha difícil, fácil?

AL: Eh pá, fácil.

DOC1: Ham...

AL: Sim.

DOC1: Hum hum. E o que fazes na lavra? Me conta aí.

AL: {RISO} Cultivo. Eh… cavo mandioca. Ma- eh… cavo... eh... colho a batata. Essa. Mais *fejão*, também.

.....

DOC2: Que… que bom. Meus parabéns. *Tá* bom. Muito obrigada, (...) Muito obrigada pela sua boa entrevista.

AL: Obrigado a você.

[7][COCAMH4]

Doc 1.: E você fala o Quimbundo e o Português?

AL.: Sim eu falo o Quimbundo e o Português

Doc1.: E... foi à escola?

AL: Sim eu fui à escola.

Essas ocorrências, por si sós, não permitem chegar a uma generalização acerca do preenchimento da posição de sujeito, no caso da realização do pronominal de primeira pessoa. Cabe a pergunta, portanto: trata-se de casos de ênfase – ligada, por exemplo, a contextos de contraste e desambiguização?

Interessante apontar – no que se refere à descrição e à análise de dados do PLB em contextos responsivos a perguntas polares – sim-não - que os dados (1); (2); (3); (4); (5) e (6) e (7) instanciam "resposta verbal" afirmativa a uma pergunta polar. Pois bem, sobre esse aspecto interessa observar que, relativamente ao PB, Galves (1988) aponta que o "par" pergunta-resposta assegura a interpretação do sujeito nulo. Aponta-se a mesma observação sobre a presença de sujeito nulo em Pilati, Naves & Salles (2017). Considerado de outro modo: no que se refere ao português brasileiro – PB –, parece haver consenso (GALVES,

1988.; PILATI, NAVES & SALLES, 2017; entre outros) acerca da possibilidade da realização de sujeito nulo, independentemente da "pessoa" do verbo.

Ainda, oportuno citar que essas ideias se aproximam do que está proposto em McCawley (1991), em cuja análise sobre respostas verbais a perguntas polares fica clara a ideia de que, nesses contextos, a presença de "sujeito nulo" deve ser tratada independentemente do fenômeno de "elipse", ideia essa que acato nesta tese. Pois bem, feitas essas considerações, e dado que no PLB, verificam-se casos de sujeito nulo em respostas verbais a perguntas sim-não, caberia perguntar se, no PLB, o preenchimento seria, então, uma questão de "ênfase". Trata-se de questão de interesse para o desenvolvimento da pesquisa levada a efeito nesta tese acerca das respostas afirmativas a perguntas polares, em se considerando, ademais, que a proposta de análise que levo a efeito nesta tese, como se verá nos capítulos em que formalizo minha proposta, traz evidência de que o fenômeno da elipse – em especial a elipse observada em repostas verbais afirmativas a perguntas polares - pode ser creditado a processos sintáticos ligados ao sistema computacional, a sintaxe, propriamente dita, com não envio de material para a interfaces fonológica, uma possibilidade apontada, então, relativamente a *Spell-Out.*

2.1.2. Terceira pessoa do singular

Deve-se observar que a não realização fonética do sujeito de terceira pessoa do singular, em especial, já foi considerada, na literatura gerativista, como fenômeno ligado à riqueza morfológica do paradigma verbal. Assim, línguas como o italiano, o PE, entre outras, que apresentariam seis oposições no paradigma flexional do verbo, licenciariam o sujeito nulo, que seria identificado por meio de desinências de número e pessoa. No entanto, foi necessário relativizar a ideia de que uma flexão "rica" poderia garantir a interpretação do sujeito nulo, em face da existência de línguas como o chinês, que, sem qualquer tipo de desinência, permite o apagamento e a identificação do sujeito (HUANG, 1982, 84, 89).

Essas rápidas palavras para apresentar uma questão, no que se refere à realização de sujeito nulo de terceira pessoa do singular: há a possibilidade de o sujeito nulo ser referencial? Pode-se apontar, no caso do PLB, a ocorrência de sujeito nulo, quando o referente é recuperado no discurso? Nesses casos, a realização de um sujeito de referência definida seria condicionada à recuperabilidade no discurso, no PLB?

(8) [ANFERH3]
AL: O réu vai "co" um ano... de cadêa, às vezes já **tá** lá há três anos.

[9] [MAIPAM2]
DOC: gostas de ler as histórias da Bíblia?
AL: gosto ..... eu conheço várias mas não me lembro//INF: **ele sonhava** e o sonho dele deu certo. NOTA Observe-se que, nesse caso da terceira pessoa do singular, o preenchimento do sujeito pode indicar referência a um "personagem", em evento ou passagem da Bíblia.

Para finalizar, aponto, por oportuno, que , no que se refere a estudos de perspectiva gerativistas acerca da realização do sujeito nulo de terceira pessoa do PB, uma proposta bastante atual, que recai sobre a hipótese de especificação do traço de pessoa (PILATI, NAVES & SALLES, 2017) talvez não possa ser creditada a esse traço do PLB, havendo necessidade, portanto, de mais estudos sobre a realização desse elemento pronominal e a sua codificação relativamente a contextos de predicação – sujeito/predicado.

2.1.3. Terceira pessoa do plural

[10] [ANFERH3]
DOC: ...(ININT) Stá detida, está presa. Stão a perder o processo?
AL: As (ININT) todas as vezes ficam lá, sem processo, sem nada, ficam lá algum tempo, depois quando descobrem que "aquêlo" nõ tem processo é quando... (ININT) o "direitô" [diretor] da "cumarca" .... quando alguém vai lá, coisa e dá a questão dele.

No que se refere a esse dado, há preenchimento do sujeito – tanto na terceira pessoa do singular quanto na terceira pessoa do plural. Ainda na linha do que foi proposto para este Capítulo, acerca de propriedades morfossintáticas do PLB, pergunta-se: a referência foi estabelecida mediante a conexão com algum antecedente no discurso? O que se pode dizer dos casos em que o não preenchimento é instanciado em estruturas com a terceira pessoa do plural? Há uma interpretação não referencial? Há recuperabilidade no discurso?

Postas as questões em outro feitio, caberiam as perguntas:

(i) os traços formais dos pronomes pessoais de terceira pessoa seriam compartilhados, ou seja, seriam os mesmos em estruturas de sujeito não preenchido e de sujeito preenchido?

(ii) os pronomes de terceira pessoa licenciam a identificação de referencialidade, no que se refere ao singular e ao plural?

Respostas a esse questionamento ficarão para uma pesquisa próxima, tendo em vista que, nesse caso, não bastaria apontar um valor para o parâmetro – positivo ou negativo – relativamente ao "parâmetro do sujeito nulo" que é instanciado pelo PLB. Nessas seções, procurei encaminhar questões importantes sobre o preenchimento ou não, no PLB, de elementos pronominais na posição de sujeito, à guisa de propostas para pesquisas futuras.

2.2. A representação do clítico "lhe"

Em pesquisa acerca da representação do clítico de terceira pessoa no PLB, Jorge, Figueiredo e Oliveira (2016) apontam que, em geral, o clítico de 3ª pessoa "lhe" é a forma mais usada para representar o complemento – objeto direto e o objeto indireto – no português do Libolo. Os autores apontam que o uso desse pronome, também no caso do denominado "acusativo", deve-se à noção de interpretabilidade: o traço de pessoa, ininterpretável no componente conceptual-intencional, seria atualizado pelo traço de número, mas não pelo traço de gênero. Assim sendo, grosso modo, o que se pode apontar é que a terceira pessoa no português do Libolo instanciaria o traço [número], o explicaria o fato de o clítico de 3ª pessoa "acusativo" não ser não atualizado na língua. Dito de outro modo, o "lhe" dissocia-se do sistema dos pronomes pessoais, comumente apontados como efetivos na distinção o/a/os/as e lhes.

[11] [ALJERM1]
Todos vão se esconder. O que lhe apanhar é que fica
[12] [ROMUSM4]
depois de fazer refogado lhe mete água
[13] [ALBAGH4]
é meter – assim na grelha ou no espeto, lhes pôr – a fumar

[14] [ALBAGH4]
depois de lhe meter no tamborão, aquilo põe a ferver
[15] [JOMICH3]
mesmo corça ou javali lhe flecha com a flecha, morre [JOMICH3]

2.3. Tópico

Acerca das estratégias de preenchimento da posição de tópico instanciadas no PLB, Silva (2017), em estudo sobre tópico marcado no português falado no Libolo/Angola, aponta – com base em perspectiva gerativista de CP "explodido" de Rizzi (1997), e, em perspectiva pragmática, sob o enfoque da Teoria das Línguas em Ato (MONEGLIA &RASO, 2014), várias possibilidades, das quais selecionamos as seguintes, para menção nesta tese: (a) por movimento de argumento não preposicionado; e (b) por movimento de sintagma não argumental – locativo, em especial – com ou sem preposição.

Sobre essas estruturas, é plausível apontar que, no PLB, não se observaria restrição quanto à posição de "retirada" do elemento topicalizado, no que se refere, no caso, à distinção entre argumento e adjunto. Os dados a seguir, renumerados nesta tese, encontram-se em Silva (2017), aqui renumeradas:

[16] [MIJOMH2] (1214)
isso, aprendi [-] mesmo lá – [MIJOMH2] (1214)
[17] [DOKITHX] [L124]
Luanda vou [-] porque tenho lá meus dois irmão.

No mesmo estudo, Silva (2017) mostra que, no PLB, também podem ser observadas estruturas, como as exemplificadas a seguir. Sobre esse tipo de estrutura – denominada na literatura em geral de antitópico (PONTES, 1987) –, observe-se, por oportuno, que a autora, seguindo análise/proposta de Campos (2014), argumenta contrariamente à "nomenclatura" **antitópico**, aspecto esse que não retomo nesta tese. Os dados, renumerados, estão em Silva (op. cit.):

[18] [MZ22S11]
O Carlos é grande mecânico, ele.
[19] [MZ22510]
O Alexandre é enfermeiro, ele.

Ainda, considero importante observar – também no que se refere a possibilidades de estruturas do PLB que marcam tópico – que, segundo Silva (2017, p. 46), não haveria sentenças com tópico-sujeito, com verbo inacusativo e um DP [+possuidor] na posição à

esquerda de V e um DP [+ possuído] na posição à direita, como, por exemplo [A sandália soltou as tiras], a exemplo das que foram descritas por Pontes (1987), no que se refere ao PB.

Tal aspecto encontra-se, ainda, sem descrição no escopo do "Projeto Libolo" (os dados foram apresentados por Márcia Oliveira, coordenadora do referido Projeto, aos falantes do PLB, em 2016), conforme ressaltou Silva (2017); no entanto, traz interesse, inclusive no que se refere à representação da terceira pessoa do singular e do plural do PLB e, por extensão, à questão da elipse em contextos responsivos afirmativos a perguntas polares – sim-não – no PLB, aspecto esse que, por ora, ficará fora das considerações apresentadas nesta tese no que se refere à descrição e à análise propostas para os contextos responsivos a perguntas polares – sim – não.

Por fim, oportuno apontar que, no que se refere à possibilidade de sujeito não preenchido no PLB, Silva (2017, p. 34), também aponta que são instanciadas estruturas tanto sujeito nulo como com sujeito preenchido, observando, no entanto, que, "preferencialmente, o sujeito é não expresso no PLB", como já observado acima.

CAPÍTULO 3
A pesquisa: perguntas polares (sim–não) no PLB

Neste Capítulo, apresento o problema que motivou, inicialmente, a pesquisa sobre contextos responsivos a perguntas polares – perguntas globais ou sim-não; questões relevantes para a pesquisa, bem como os objetivos desta tese. O Capítulo está dividido em 4 subseções. Na primeira, logo a seguir, apresento questões gerais relativas a aspectos relevantes para uma abordagem acerca de estruturas "afirmativas" e "interrogativas", considerando - para além de aspectos pragmáticos – por que a "resposta" a uma pergunta polar – sim/não – apresenta as propriedades sintáticas que a distinguem de outros tipos de "perguntas", também no PLB; na segunda, delineio as perguntas a serem respondidas e ratifico os objetivos do trabalho. A terceira seção traz algumas questões quanto à estrutura e à sintaxe de respostas afirmativas a interrogativas polares – sim - não.

3.1. Sobre asserções, sentenças declarativas e perguntas – algumas diferenças significativas

3.1.1. Considerações iniciais

Antes de passar aos dados do PLB e à sua descrição, apresento alguns aspectos importantes relativamente a propriedades morfossintáticas instanciadas na derivação das respostas afirmativas a perguntas polares/ sim-não. Observem-se, a seguir, alguns dados que instanciam sentenças declarativas, interrogativas sim-não e "perguntas Qu-" de uma variante do português brasileiro (PB), que são usados de forma ilustrativa, considerando meu propósito de apresentar, nesta seção, aspectos gerais sobre estruturas declarativas e interrogativas.

3.1.2. O domínio empírico: perguntas polares e respostas

Um último ponto a considerar antes de nos centrarmos no português é o conceito de resposta. Observo que, em estudo de perspectiva semântica e pragmática, Farkas & Bruce (2010) propõem um mesmo quadro conceptual para descrever "respostas" a interrogativas polares e a asserções, apontando que as respostas a interrogativas polares são esperadas, enquanto as respostas a asserções não o são; a diferença entre umas e outras residiria em "padrões": uns mais neutros e outros mais marcados. Dito de outro modo, as respostas a

asserções tenderão a surgir, quando surgem, em estruturas com entonação diferenciada, em contextos de discordância e ênfase. Embora tenha sido observada - nos dados em (1) - a questão, empírica, da ênfase em estruturas, não sigo a proposta de Farkas/Bruce (2010) acerca da possibilidade de um mesmo quadro conceitual para as duas ocorrências. Gunlogson (2001, p. 22-25), que não trata de um mesmo quadro conceitual para interrogativas e declarativas com entonação diferenciada, apresenta, no entanto, aspectos relevantes sobre a questão. Segundo Gunlogson (2001, p. 22-25), as *raising declaratives* são inadequadas em contextos em que se espera que o falante mantenha uma atitude de neutralidade ou ignorância. Consequentemente, ainda segundo Gunlogson (op. cit.), não podem ser usadas para levantar uma questão em aberto, para solicitar uma opinião, nem para instigar uma discussão; além disso, diferentemente das interrogativas, as *raising declaratives* (Gunlogson, op.cit) não podem ser usadas *out of blue*, ou seja, sem qualquer contexto anterior relevante.

Pois bem, como ponto de partida para a análise, seja considerada uma sentença declarativa afirmativa, sem elementos focalizados prosodicamente, como a representada em (1):

(1) A – A Ju fez o macarrão sem molho.
B – "sim"
C – *a Ju; * fez; *o macarrão sem molho; *o macarrão"; *sem molho; *fez o macarrão sem molho"; *fez

Imagine-se que João (referido, em (1), como B), ao voltar para casa para o almoço, ouve o que A tem para dizer e, em seguida, produz estruturas, como as exemplificadas em B e em C, acima. Nesse contexto, embora possível, "sim" não se configura como "resposta" - porque, em (1), não há pergunta (HOLMBERG, 2001) – nesse caso, "sim" é uma mera réplica ou *reponse* (e.g., OLIVEIRA, 1996). Por outro lado, nesse contexto, ainda que entendidas como "réplicas", as estruturas em (1C) não parecem ser estruturas possíveis – o que parece ser mais evidente é a "incompatibilidade" da forma verbal "fez", ainda que seja considerada uma "réplica", a sentença declarativa em (1).

Comparem-se com os dados a seguir, em que as estruturas a seguir corresponderiam a "questionamentos", os quais, imagine-se, podem acompanhar a "conversa" hipotética em (1). São possíveis; as estruturas sintáticas que os licenciariam, no entanto, apontariam para dois tipos distintos de "perguntas".

(1”) C” – a Ju?; fez? o macarrão sem molho? ; o macarrão?; sem molho?; fez o macarrão sem molho?”

Ainda com base na situação hipotética acima apresentada, assuma-se que João, “procura” o “almoço”, antes de A falar sobre o “prato” feito por Ju; situação em que “A” irá responder à pergunta:

(2) B A Ju fez o macarrão sem molho?
A * a Ju; *o macarrão; *fez o macarrão;
A “fez”; “ sim”“; “é”;

Quando a estrutura instancia uma pergunta polar “afirmativa”, ou seja, sem partículas “negativas” (cf. “A Ju não fez o macarrão com molho?”), numa língua como o português, por exemplo, pode-se apresentar como “resposta”: o “sim” (ou “não”, claro, a depender do contexto situacional, em jogo); a cópula “é”, a resposta verbal, entre outras possibilidades.

Continuando, como João “poderá” responder a perguntas como as representadas a seguir.

(3) B Quem fez macarrão sem molho?/ O que a Ju fez sem molho?// Como a Ju fez o macarrão.
A a Ju; //o macarrão//; *fez o macarrão;
A *Fez; *sem molho; *é; *sim”

Em se tratando de pergunta parcial ou pergunta - QU, as possibilidades são outras. Ainda que se apontem “fragmentos” de respostas tanto num caso como em outro, não há dúvida de que as estruturas aceitáveis num e noutro caso não coincidem. Pois bem, é plausível apontar que, grosso modo, o falante adulto de uma língua natural “sabe” quando deve oferecer “resposta” – ainda que possa, eventualmente, meramente “repetir” “pedaços” de uma dada “conversa”. Considero que um estudo efetivo acerca de estruturas que instanciam “repetições” – a exemplo do que se mostra dos dados representados em (1), em especial, – esteja por ser feito, não sendo, no entanto, o foco desta tese.

Assim sendo, embora se possa asseverar que todas as estruturas apresentadas em (1), (2) e (3) possam ser apontadas como aceitáveis relativamente a algum contexto sintático, é plausível, no entanto, apontar que as referidas estruturas evocam “restrições” que, em

princípio, não poderiam ser creditadas a propriedades morfossintáticas particulares a essas estruturas em si mesmas, se não se levam em consideração aspectos relacionados a tipo frasal e a estrutura informacional. Tomo, aqui, para efeito de elucidação dos aspectos em jogo, a ideia - bem simples- de que há "mapeamento" entre "forma" e "tipo de informação" relativamente a estruturas frasais; assim, sentenças declarativas instanciam *"asserções",* ao passo que sentenças interrogativas "afirmativas", instanciam "*"questões/perguntas""* – um *insight* que também se pode tomar como referência acerca da diferença semântica, de "significado", grosso modo, entre declarativas e interrogativas – em especial no que se refere às interrogativas polares – encontra-se em Hudson (1975, p. 5-7): é possível que declarativas e interrogativas instanciem uma mesma "pressuposição", mas, certamente, distinguem-se relativamente à "atitude" do falante em relação a ela. Sobre esse aspecto, julgo relevante apontar, com base em Zuber (1983, p 47.), acerca de respostas verbais e "sim", que "Este fato parece realmente importante para as condições de resposta, e em conexão com outros fatos mencionados, indica claramente que as respostas não são apenas proposições ou declarações, ou seja, Zuber (op. cit.) argumenta que frases não declarativas são essencialmente devidas ao fato de que elas são formalmente (ie sintaticamente e morfologicamente) e especialmente conceitualmente muito mais complexas que frases declarativas. Essa complexidade conceitual das não-declarativas está profundamente ligada à sua complexidade formal e, mais precisamente, ao fato de serem formalmente e, por assim dizer, **qualitativamente diferentes**. (grifo nosso) (ZUBER, op. cit.).

Ratifico, então, a ideia de que sentenças que configuram "respostas" a interrogativas polares, em minha análise, distinguem-se de sentenças declarativas afirmativas quanto ao licenciamento de "fragmentos de sentenças", o que pode ser confirmado a partir das considerações acerca dos dados representados em (1), (2) 3 (3) acima, aspecto esse que tomo como evidência de que "responder" distingue-se de "repetir". Assim, voltando à ideia de Holmberg (2001, 2002, 2007, 20013, 2014, 2016) - há "resposta" quando há "pergunta" - importa apontar outro aspecto que está em jogo em contextos responsivos, qual seja o fenômeno tradicionalmente apontado como "elipse" (HOLMBERG, 2001, entre outros), cujo detalhamento teórico será apresentado no Capítulo 4, sendo retomado no Capítulo 5 desta tese.

3.2. Aspectos relevantes para a pesquisa

Sobre a viabilidade de "respostas verbais" e de respostas com "sim" em contextos responsivos afirmativos a perguntas polares – sim-não - nas línguas em geral, há uma vasta literatura que aponta o fato de esse aspecto estar associado a um "sistema" que apresenta distribuição limitada nas línguas (entre outros, MARTINS, 1994, 2016, para o PE; KATO, 2000, 2016, OLIVEIRA, 1986, para o PB; para o inglês, por exemplo, HOLMBERG, 2001, 2003, 2007, 2016; MCCLOSKEY, 1991, 2006).

Os dados apresentados nesta seção - à guisa de ilustração das propriedades elencadas – remetem ao Português Brasileiro. Entre esses aspectos, destaco como fatores de relevância, para o estudo levado a efeito nesta tese:

1. A possibilidade de ocorrência de resposta verbal mínima/curta (não alargada), ou seja, a possibilidade de haver "sim" como resposta mínima (não alargada) (Ver Kato, sobre esse fenômeno no PB) – "Você entendeu a proposta?" "Entendi" ; "Sim";
2. Sobre a possibilidade de resposta verbal mínima/curta, aponte-se, ainda, que é indicada a que apresenta apenas uma forma verbal elicitada na pergunta - no caso, um verbo principal ou verbo auxiliar – "Você ajuda o seu cunhado?" "Ajudo" "Você vai continuar ajudando?" "Vou"
3. Ainda, há certas restrições sintáticas relativamente a "respostas verbais", quando se encontram na pergunta elementos adverbais e/ou quantificadores, tais como "já" e "só", por exemplo, o que é apontado para o PE (MARTINS, 2006, 2016, 20018) e para o PB (KATO, op.cit; OLIVEIRA, op.cit, entre outros) - o que parece restringir a resposta verbal mínima, no entanto não restringe respostas com "sim", nem respostas com a cópula "é".
4. Aponte-se, também, a possibilidade da ocorrência de "respostas" com sintagmas adverbiais locativos, entre outros, quando presentes na pergunta formulada, o que, no entanto, não parece restringir a resposta verbal mínima.

Pois bem, tais aspectos apontam as propriedades relativas as respostas verbais e à partícula "sim", em especial, por exemplo, no que se refere a perguntas. E quanto à sua interpretação? Como podem servir como respostas a perguntas polares? Neste estudo, parto de uma relação mais estreita entre "polaridade" e tipo frasal, apresentando a hipótese de que a

existência de um traço de polaridade seria propriedade da sentença interrogativa afirmativa, consubstanciada, efetivamente, pelo verbo finito, que lexicaliza, por assim dizer, um traço de "polaridade". Em outras palavras, a forma verbal não finita contém, ela própria, uma expressão semanticamente capaz de licenciar, na forma responsiva (na resposta/fragmento), um valor de polaridade (MCCLOSKEY, 1991, 2006). Com essa observação, fica ratificada, nesta tese, a ideia de que "resposta verbal" e "sim" codificam possibilidades, também interpretativas, quanto à ideia de polaridade "positiva", no caso.

Colocado tal aspecto de outro modo: em especial, há outras possibilidades interpretativas quanto a "sim" – entre outras possibilidades –, por exemplo, que podem instanciar "concordância", em se tratando, por exemplo, de partícula que se emprega quando há uma sentença declarativa: ("A Ju fez o macarrão sem molho" / Sim / Correto / Perfeito / Exato / Certamente). Quanto à "resposta verbal", que instancia elipse, parece importante ratificar que se trata de uma possibilidade, ou seja, deve ser observado que, em se tratando de pergunta sim – não, uma resposta completa é sempre possível – a elipse não é obrigatória, portanto.(cf. "Você alimentou os cavalos?"]/Eu alimentei os cavalos), estruturação essa que se distingue do emprego de "comentários", quando não marcados prosodicamente, a sentenças afirmativas (cf. seção 3.1.1.). Assim, um fato empírico que fala em favor da abordagem de elipse, como a desenvolvida nesta tese.

Continuando, observo que, nesse propósito, a ideia de Holmberg (2016, em especial) prevê corretamente que a função de resposta difere da função de "acordo". O suporte empírico para essa diferença decorreria, no caso do PB, por exemplo, do fato de que outras expressões de *acordo* (verdadeiro, certo, isso, é certo) poderem ser usadas como respostas (21) - (22), mas, ao contrário, "partículas de repetição" não podem ser usadas.

Então, por fim, considerando a viabilidade de (1), (2), (3) e (4) do padrão responsivo no PE - português europeu, no PB – português brasileiro – e no PLB (português do Libolo), o que é evidenciado pelos dados analisados nesta tese –, pode-se apontar que "respostas afirmativas" a "interrogativas sim-não" conservam certa "regularidade" quanto a esses aspectos, nessas línguas – talvez algo que esteja na base do que se tem denominado "padrões de resposta", o que, no entanto, analisaremos à luz da derivação por fases, de base gerativista.

Em síntese, este teria seria o motivo de a nossa análise dos dados do PLB enfocar as "respostas". A descrição dos dados do PLB leva, no entanto, a uma questão que - até onde eu saiba – não tem sido considerada em análises sobre contextos responsivos a perguntas polares – sim/não- relativamente a aspectos como 1 e 2 acima: se "respostas afirmativas" instanciam uma estrutura informacional que lexicaliza, por assim dizer, um traço de polaridade da

sentença interrogativa, (i) haveria diferenças morfossintáticas entre "respostas verbais" e outras estratégias de "respostas"; (ii) se, sim, a que se pode creditar tais diferenças?

3.3. Os dados do PLB

Recorde-se que os dados analisados nesta tese, no âmbito do Projeto Libolo, são dados de fala espontânea, selecionados, por mim, a partir do conjunto de entrevistas realizadas pelos pesquisadores do referido projeto. Foram selecionados seis auxiliares linguísticos (AL), para efeito de análise e descrição nesta tese, os quais estão distribuídos, em cinco fases etárias:

- FE1 (até aos 12 anos) LUSAMH1;
- FE-2 (13-20 anos) MAIPAM2, MIJOMH2;
- FE-3 (21-40 anos) ANFERH3;
- FE4 (41-60 anos) COCAMH4;
- FE5 (+ 60 anos) VACHIH5.

3.3.1. As entrevistas

Situação: O pesquisador – DOC - conversa com o Auxiliar linguístico – AL - -[LUSAMH1]- sobre aspectos que envolvem a escola em que este estuda e sobre outros aspectos rotineiros deste como aluno.

[1]
DOC: Segunda classe. Hum. Olha, tu gostas de estudar aqui na missão?
AL: Gosto.
[2]
DOC: Cos teus amigos. E tu gostas de jogar aonde? Na baliza?
AL: Sim.
[3]
DOC: Tu é na baliza– tu és guarda-redes?
AL: Sim.
[4]
DOC: Hum… muito bem. Olha, então e tu também costumas lanchar aqui na escola?
AL: Costumo.
[5]
DOC: Bolacha, pão… e num bebem nada? Água? Bebem água?

AL: Sim.

DOC: No lanche?

AL: Sim.

[6]

DOC: Água, hum… Tu gostas de bolacha?

AL: Gosto.

[7]

DOC: E tu não fazes os deveres?

AL: Faço.

[8]

DOC: Hum… tem que fazer os deveres, não é?

AL: Sim.

Situação: DOC conversa com o AL -[MAIPAM2]- sobre aspectos que envolvem leituras e sobre outros aspectos rotineiros deste na escola e sobre perspectivas e anseios de vida deste.

[9]

DOC: muito bem então pronto.. aqui na escola estás a estudar... estás na quarta classe, né?

AL: sim

[10]

DOC: e... gostas de estudar aí?

AL: gosto

[11]

DOC: tu costumas ler a Bíblia?

AL: sim

[12]

DOC: gostas de ler as histórias da Bíblia?

AL: gosto ..... eu conheço várias mas não me lembro

[13]

AL: ele sonhava e o sonho dele deu certo

DOC: deu certo?

AL: sim.

[14]

DOC: então foi muito feliz, né?

AL: sim.

[15]

DOC: hum várias histórias... Branca de Neve já viste?

AL: já.

Situação: DOC conversa com o AL - [VACHIH5]- - sobre aspectos que envolvem família e a vida pessoal, trabalho e (casamento/alambamento/filhos) deste e ainda sobre questões referentes ao cenário político-social do Libolo.

[16]
Doc. Então essa primeira mulher saiu do Balundo já com...// já sairam juntos, num é?
AL: é, sairam junto.
[17]
Doc. Então quando vocês sairam do Bailundo, já tem cinco filho?
AL: Já tem cinco filho.
DOC: Ok.
AL: Já tem cinco filho.
[18]
DOC: E essa mulher... essa mulher [....] pagou alambamento?
AL: Pagô
[19]
DOC: Então e depois de casar como é que foi? Foram vi..… aqui no… casaram aqui no Luati, né?
AL: Não.
[20]
DOC: Não? Então?
AL: É no Ciere lá no...na Gibala
DOC: Ham na Gibala, na Quibala, né?
AL: é na Quibala sim
[21]
DOC: tá bem agora?
AL: sim
[22]
DOC: agora está... a coisa está mais calmo num é..?
AL: é
[23]
DOC: ...então ela veio
AL: hum
[24]
DOC: Então trabalhou aonde? Na lavra?
AL: só no lavra
[25]
DOC: então fez uma lavra na Ciela?
AL: sim
[26]

DOC: sim com a… com a mulher…

AL: com a mulhere

[27]

DOC: Ãh pois .....quando acabar a chuva. E depois quando tira, né?

AL: é

[28]

DOC: Também o milho é pouco agora num é?

AL: mas milho é muito

DOC: é muito?

AL: É muito

DOC: Ah muito

DOC: Mesmo lá no Ciele?

AL: sim

Situação: A conversa do documentador – DOC- AL[ANFERH3]- versa sobre aspectos de uma fase da vida pessoal deste

[29]

DOC: ...né? esse nome Camoço não é o teu nome, é nome de casa?

AL: sim

[30]

DOC: ....vinte e seis anos tu nasceste aqui mesmo no Libolo não é?

AL: sim

[31]

DOC: hum... em que escola tu estudaste? tu estudaste mesmo isto, agronomia?

AL: sim

DOC: hum...

AL: uma escola du Cuacra

[32]

DOC: hum (ININT)... eu sei que tu tens ai uma história interessante sim... tiveste que parar os estudo não é?

AL: sim

[33]

DOC: então teu primo faleceu né?

AL: sim

DOC: faleceu no hospital?

AL: sim, no hospital

[34]

DOC: Bom, então, já tinhas acabado o tempo, não é?

AL: sim

[35]

DOC: Ô Ó, desculpa. Ó, ó, "camoço", essa vida dê// lá, lá na prisão. Pode me contá(r) mesmo como é que era: quando entraste, primeiros dias,....depois ficaste aí na {esquadra} né?

AL: Hum, fiquei na (ININT), depois fui pa "cumarca"....

[36]

DOC: Comida .....quê que eles levavam?

AL: Se (ININT).... naquele tempo {como} era ração. Devia se levá(r) mais arroz, massa, peixe seco, conservas, essas coisas.

DOC: E tu preparavas, cozinhavas tu mesmo né?

AL: Humhum.

Situação: DOC conversa com [MIJOMH2] sobre fatos relativos ao seu nascimento e sobre a(s) língua(s) falada(s); além de aspectos sobre escolaridade e profissão.

(37)

DOC2: Onde… onde ele nasceu. Nasceram aqui? Aqui na...

AL: Sim sim. Nasci mesmo aqui no bairro.

DOC2: O pai? E a mãe? Nasceram aqui na... na.. banza, ou não?

AL: Mesmo aqui também.

DOC2: E a mãe?

AL: A mãe também é mesmo aqui.

DOC2: Também. *Tá*.

AL: Sim.

[38]

DOC1: E me diz aí: seu pai e sua mãe falam quimbundo?

AL: O meu pai fala.

DOC1: E sua mãe, não?

AL: Fala, a mãe também fala.

DOC1: Também fala. E você fala quimbundo?

AL: Também falo.

DOC1: Que bom. Então você fala português e quimbundo?

AL: Sim.

(INTERRUP > *DOC2: Agora vou ver quando ele começou a falar cada uma delas.*)

DOC1: É. Quando você começou a falar quimbundo? Desde que você é pequenininho, ou não?

AL: Sim, desde de pequenininho.

DOC1: Ham. E o português também?

AL: Também, sim.

DOC1: E…

DOC2: Que idade?

DOC1: Que idade? Você se lembra?

AL: Eh... não se lembro.

[39]

DOC1: Então deixa eu te fazer uma pergunta. Eh… algumas pessoas que falam mais de uma língua se sentem mais naturais com uma ou outra. Como é que você se sente? Você se sente mais natural com quimbundo ou com o português?

AL: Eh... tanto faz. Português e quimbundo, sim.

DOC1: Eh… deixa eu te dar um exemplo, *tá* bom?

AL: Sim.

DOC1: Eh… por exemplo, você *tá* com muita raiva, assim, quando você quer falar um palavrão...

AL: Sim.

DOC1: … você vai no quimbundo ou você vai no português?

AL: Não, vou no português.

DOC1: Ham...

AL: Sim.

DOC1: … *tá*. Eh**...** quando você vai fazer as preces aos ancestrais, é no quimbundo ou no português?

AL: No português.

DOC1: É?

AL: Sim.

DOC1: Ham. Que legal

AL: {RISO}

DOC1: E no quimbundo.

AL: No quimbundo, foi assim, mas pouco. Demais é no português.

DOC1: Tá, tá bom.

AL: Sim.

[40]

DOC1: E a escola (...)? Quando… quando é que você foi *pra* escola?

AL: Eh... eu só... só… só parei de estudar esse ano. Na... na... num tenho *professore*...

DOC1: Ham.

AL: Sim.

DOC1: *Tá*.

DOC2: Você *tava* na sexta classe?

AL: Sim, na sexta classe.

[41]

DOC1: Hum hum. Hum.. e aqui não tem escola, aqui?

AL: Sim, *num* tem. *Num* tem. Eh... aqui na… no bairro *num* tem escola e também não só, mesmo lá na escola onde eu estudava *num* tem professor.

[42]

DOC1: Ham. Que pena. Quer continuar a estudar? Você quer?

AL: Sim.

DOC1: Deseja continuar a estudar?

AL: Sim, desejo sim.

DOC1: Sim.

[43]

DOC2: A escola próxima é onde? É lá em Caxica, não?

AL: Não não. Aqui em baixo, na Quituma.

DOC2: Na Quitu-

DOC1: Na Quituma?

AL: Sim sim.

[44]

DOC1: Hum hum. E o que desejas fazer como profissão?

AL: Profissão? Eh... de momento, quando ainda *tou* a estudar, *né*?

DOC1: Hum hum.

AL: *Tou* estudando// eh… assim que como não *tou* a estudar, posso ser mecânico mais ou menos até próximo ano. Quando eu tiver *professore*, vou continuando a estudar.

[45]

DOC1: Hum hum. E qual a tua atividade aqui no bairro, agora? Que fazes aqui?

AL: Aqui?

DOC1: É.

AL: Não, *num* faço nada. Só mesmo na lavra.

DOC1: Só na lavra?

AL: Sim, no trabalhar.

DOC1: Ham ham.

AL: Sim.

[46]

DOC1: Difícil. Que você acha disso? Acha difícil, fácil?

AL: Eh pá, fácil.

DOC1: Ham...

AL: Sim.

[47]

DOC1: Hum hum. E o que fazes na lavra? Me conta aí.

AL: {RISO} Cultivo. Eh… cavo mandioca. Ma- eh… cavo... eh... colho a batata. Essa. Mais *fejão*, também.

[48]

DOC1: Gostas de futebol?

AL: Gosto.

DOC1: Jogas?

AL: Sim, jogo.

DOC1: Ham...

AL: {RISO}

DOC1: E onde jogas, aqui no bairro?

AL: Aqui mesmo.

DOC1: Ham…

AL: Sim.

[49]

DOC2: Deixa eu perguntar a// se você vai muito… eh… a Lisboa... a Lisboa {RISO} a Luanda. Ah… sai muito daqui, viaja?

AL: Viajo sim.

DOC1: E qual? *Pra* onde vais?

AL: *Pa* Luanda.

DOC1: Me conta de Luanda, um pouco.

AL: {RISO}

DOC1: Nós *num* conhecemos.

AL: {RISO} *Ya* [= sim], o… eu// o… eu vinha *des* [= desde] de Luanda. Em... em Luanda eu trabalhava, fa- fazia bolo. Trabalhava na pastelaria.

DOC1: Ham...

AL: Sim sim.

[50]

DOC2: Então passou muito tempo lá em Luanda?

AL: Diga.

DOC2: Já… já ficou muito tempo lá em Luanda?.

AL: é, fiquei lá seis meses.

DOC1: Hum...

Al: Sim.

[51]

DOC1: E como é fazer bolos?

AL: {RISO} Fazia mesmo com... com trigo. Fazia na... na... num coiso... num forno elétrico.

DOC1: E porquê// gostas de fazer isso?

AL: Gosto.

DOC1: Ham...

AL: Sim.

DOC1: É giro?

AL: Sim

DOC1: Hum.

[52]

DOC: Ham… me dás uma receita de bolo?

AL: Bolo? Pode ser bolo... eh... bolo de Berlim...

DOC1: É, por favor.

AL: … ou pode ser *caracole*?

DOC: Me dá um de Berlim.

AL: De Berlim?

[53]

DOC1: Hum.

AL: Eh… bolo de Berlim **eu** faço com leite, *óvo*, açúcar, manteiga, água...

[54]

DOC2: Como faz?

AL: ...é isso. Primeiro meto o leite, depois meto *açúcare*, meto trigo, meto fermento, meto *óvo*, mais quê? Meto *óvo*, mai... mais o que... o que *precisá(r)*, depois *misto* [= misturo] com água.

[55]

DOC1: Hum.

AL: Sim.

DOC2: E… e tem uma forma especial?

AL: Tem, tem. Tem sim.

DOC1: Como é o tamanho?

AL: O tamanho é assim como um... a forma de uma caneca.

DOC1: Hum.

INF: Sim. Corta, depois mete aí.

DOC1: Hum.

AL: Sim.

DOC1: Hum. Quanto tempo *pra* terminar?

AL: É mais ou menos trin- trinta minutos.

DOC1: Hum...

AL: Sim.

Situação: DOC conversa com o auxiliar linguístico - AL - COCAMH4 sobre casamento, filhos e preparação para o exercício da profissão. Trata-se de entrevista longa, da qual foram selecionados alguns trechos.

[56]

DOC: Quantos anos tinha ness…?

AL: Eu tinha… Tinha dezesseis. Anos.

[57]

DOC: Menor, *né*? precisava mesmo da autorização do pai?!

AL: É, precisava da autorização do pai. Quer dizer que, se eu tivesse, normalmente, dezoito…

[58]

DOC: Ok, teria ido, *né*?

AL: É {BALBUCIA}, eu devia, devia sair, e legalmente. Agora, você tem... //eu tinha dezesseis, dentro de uma situação de guerra. Agora, dia seguinte, escutamos que cinco carros foram atacados...

.....

[58]

DOC: *E... e...* a mulher do Senhor XXXX o que que faz?

AL: É, hum, a mulher até que a mulher não faz nada.

DOC: Hum hum.

AL: A mulher não faz nada, a mulher não faz nada, só se ocupa mais é dos trabalhos doméstico.

DOC: Hum hum.

AL: É isso.

[59]

DOC: Não tem uma lavra?

AL: Tem lavra. Tem lavra.

.....

[60]

DOC: Como é que se conheceram?

AL: Ham.....

[60]

DOC: Isso eu é que estou curioso, se foi naquele período das confusões, né?

AL: É, sim, foi naquele período das confusões. Depois de interrompidas aulas.

DOC: Sim.

Al: Então fiquei naquela vida de senzala, voltei mais na senzala, assim que consegui arranjar um coiso.

[61]

DOC: Ela estava lá também?

AL: Também estava lá, é do mesmo bairro.

DOC: Hum hum.

.....

[62]

DOC: mas.. mas no tempo do (ININT) já não foi assim..

AL: nã (o)

DOC: .. já nao precisou do mediador.....

AL: na.. não precisou

[63]

DOC: ..foi direto {mem}?

AL: foi direto

DOC: o interlocutor direto

.....

[64]

DOC: ah {maxaxe} de primeira

AL: eh..

[65]

DOC: essa é boa né?

AL: é boa

DOC: ham ham

.....

[66]

DOC: eh.. mas é ocê vai lá então frequentemente visitá-la?

AL: ah vou.. vo.. vo.. vou frequentemente

[67]

DOC: está bem eh.. esta mulher aqui do.. do // de Calulo ela sabe da outra mulher?

AL: ela sabe

DOC: sabe (ININT)

AL: ela.. ela tambem tem.. tem ido lá.. tem ido lá

[68]

DOC: ham ham, e ela.. até então é normal aqui na vossa cultura é.. a primeira mulher aceitar a segunda, isto é normal aqui?

AL: ah é normal sim

[69]

DOC: não tem marca?

AL: sim tem.. sim tem havido assim algumas questões (ININT) assim algumas.. algumas confusões, desavença mas ultrapassam isso depois

[70]

DOC: ultrapa.. aquilo que dá numa tem que dar na outra né?

AL: ah isso

DOC: é.. é..

AL: que dá nu.. numa tem que dar na outra

.....

[71]

DOC: .. essa é primeira ou é segunda?

AL: essa é a segunda

[72]

DOC: essa tá no (ININT) né?

AL: sim sim

.....

[73]

DOC: e é assim que vamos construindo a nossa vida né?

AL: é.. é va.. vamos {construir} {RISOS} mesmo assim, bem ou mal tamos indo

DOC: ham ham

AL: é isso

.....

[74]

DOC: então esta que trabalha aqui no banco ela.. e.. ela estudou né? tem estudo no.. no..

AL: sim.. te.. te.. tem até a no.. a nona

DOC: hum

AL: nona classe

DOC: nona classe

AL: ag.. agora aquela só tem a quarta..

[75]

DOC: ham ham

AL: só tem a quarta

DOC: qué(r) dizê(r) o filho mais novo é com esta né?

AL: o filh.. o fi.. o último filho mais novo..

DOC: (ININT)

AL: .. é com essa

DOC: é com essa {também}

AL: é isso

[76]

DOC: é.. vocês dizem o caçula né?

AL: é caçula

DOC: é caçula

AL: sim sim

DOC: (ININT)

INF: caçula

[77]

DOC: e.. sabe é muito interessante e agora sim a perspectivas de // no.. no a emprego.. alfabetização ou a relação aqui com é // como é.. a função aqui do senhor X? Como é que isto funciona pros coordenadores? Estou interessado em saber.. ocês tiveram alguma preparação especial para.. para.. alfa..?

AL: ah sim

DOC: para alfabetizador?

AL: nós tivemos uma preparação.....

.....

[78]

DOC: .....é que na missão católica mesmo, vocês não têm lá nenhum alfabetizador....

AL: na missão tem

[79]

DOC: tem? tem alfabetizadores?

AL: tem uma uma uma um um... parece que são dois, uma senhora e um senhor.....

[80]

DOC: trabalham ali [ININT]?

AL: é trabalham ali...parece que trabalha

.....

[81]

DOC: ... Em que as pessoas são escolhidas não em função da sua idade, mas em função de seus conhecimentos e da sua capacidade.

AL: É isso, é isso.

[82]

DOC: E o nível acadêmico, *num* é?

AL: Sim.

3.4. Sobre as estruturas morfossintáticas instanciadas em respostas afirmativas a perguntas sim-não do PLB

3.4.1. Um rápido panorama

No que se refere a *respostas afirmativas* a interrogativas polares no PLB – e sendo considerados, em sua totalidade, os dados apresentados na seção anterior – oportuno ratificar, em primeiro lugar, que a elipse não é obrigatória: [...é trabalham ali...parece que trabalha]; [...é, fiquei lá seis meses]; [... ah é normal sim]; [....está lá também...], entre outros dados, aspecto esse que se reveste de importância numa descrição sobre o fenômeno, principalmente no que se refere a línguas em situação de contato, como é o caso do PLB – se se considera que a elipse é possível.

Assim sendo, dada a possibilidade de elipse, o que, de pronto se constatou no PLB, importa observar que, grosso modo, haveria, em tese, as seguintes opções de resposta, por exemplo: (i) [Gostas de estudar aqui na missão?], [Gosto]; [Sim]; [Tem que fazer os deveres?], [Tenho]; [Sim]; [É]; [Branca de Neve, já viste?]; [Sim]; [Já]. Ainda, no PLB,

também se pode apontar que focalizadores de exclusão (só, exclusivamente, etc.) podem interferir na distribuição sintática de respostas verbais, quando, nesse caso, o esperado são os elementos adverbiais, não a resposta verbal.

Segundo Martins (2006, 20013), em estudo sobre o PE, a possibilidade da resposta com «já» (e advérbios similares) depende da presença desse advérbio na interrogativa; a resposta verbal – em que pesem algumas possibilidades de escolha quanto a elementos flexionais (cf. [Tem feito os deveres?]; [Tenho]; [Faço]) - também parece repetir a forma verbal presente na pergunta. Já no que se refere a respostas com «sim», Martins (op. cit.) aponta que, embora, em princípio, pareçam menos condicionadas pela forma da sentença interrogativa, e, ainda que as respostas verbais constituam o padrão preferencial de resposta afirmativa no PE, pode-se responder "sim". Pois bem, o que a análise dos dados do PLB talvez indique seja o caminho do "faz-se necessário" responder "sim".

3.4.1.1. Respostas verbais

Os dados [1]; [4]; [6]; [7]; [10]; [12]; [18]; [35]; [36]; [38]; [39]; [42]; [49]; [50]; [51]; [53] atestam a possibilidade "esperada", no que se refere a respostas curtas do tipo verbal, ou seja, – apresentando verbo flexionado – com a presença única do verbo, sem a presença de elementos pronominais que "recuperem" argumentos na posição à direita da forma verbal. Aqui, aponta-se, no caso do dado [39], na linha das propriedades morfossintáticas do PLB mencionadas no Capítulo 3, o preenchimento do sujeito com sintagma nominal ("o meu pai fala"; " a mãe também fala"), a par de estrutura com sujeito não preenchido ("Também falo").

A literatura sobre respostas – em especial as afirmativas – a perguntas polares tem mostrado que a possibilidade de "responder" com um verbo a perguntas polares não é categórica, ou seja, a "resposta verbal" não é uma estratégia responsiva que se encontra disponível em todas as línguas. Além disso, apontam-se restrições quanto à natureza do verbo – ou seja, se verbo principal ou se verbo auxiliar, por exemplo. No inglês, entre outras línguas, a possibilidade restringe-se a verbos auxiliares. Observe-se que, no PB e no PE, por exemplo, há possibilidade de respostas verbais, com verbo principal ou com verbo auxiliar – e aqui, considerando-se as evidências trazidas pelos dados – inclui-se o PLB.

Aponto, no entanto, que a distribuição das respostas verbais e respostas com sim observada nos dados selecionados para a descrição e análise nesta tese traz um importante questionamento acerca de propriedades outras relativas a elementos verbais, algo que não tem sido relatado em estudos acerca da possibilidade ou não de as línguas apresentarem respostas

verbais: haveria diferença no que se refere a "classes" verbais? Por exemplo: verbos "transitivos", por assim, dizer, (ou "causativos"; ou, mesmo, "não inacusativos", ou "não inergativos" – se assim for possível aponta-los) distinguem-se de verbos inacusativos e afins na "possibilidade" de oferecimento de resposta verbal?

Aqui, a hipótese – que será apresentada no Capítulo 4, com proposta de análise formal, no Capítulo 5, é a de que não haveria *restrição* quanto à classe/tipo de verbo, mas uma possibilidade relativamente à arquitetura da sentença, que favoreceria a resposta com a partícula sim. Em rápida apresentação dos verbos encontrados nas respostas verbais, pode-se apontar: "gostar"; "costumar"; "fazer"; "pagar"; "lembrar"; por outra, encontram-se alguns como "sair" e "ficar", por exemplo, o que é indicativo de que a distribuição das respostas afirmativas com sim seria relevante para este trabalho.

Relembro, nesta seção, no que se refere às estruturas focalizadas neste trabalho, que optei por descrevê-las e analisá-las a partir das *respostas* dadas a elas. Interesse pode recair, no entanto, na estrutura da "pergunta" polar apresentada ao falante. Algumas considerações acerca desse aspecto serão mencionadas- se for o caso - quando apresento as respostas com a partícula "sim", a seguir.

3.4.1.2. Respondendo "sim"

Sobre a questão da resposta com "sim", poderíamos concluir que se trata de um contexto responsivo de viés "pessoal" - escolha do falante - uma vez que a resposta teria equivalência com a resposta verbal, e, então, seríamos tentados a desconsiderar a "importância" desses dados.

No Capítulo 5, em que enfoco a estrutura das respostas a perguntas sim-não, na perspectiva minimalista, em especial no que se refere à derivação por fases (CHOMSKY, 2005, 2008, em especial), procuro demonstrar que há motivos suficientes para continuar a dizer que essas estruturas caracterizam-se como cruciais no que se refere à explicitação das propriedades que licenciaram "sim" ao invés de uma resposta verbal.

No que se refere ao PE, Martins (2016) aponta que as *respostas verbais* são as mais usuais entre falantes do PE, quando se responde afirmativamente; no que se refere ao PB; por outro lado, sem citar a questão de maior ou menor frequência – ou, mesmo, a questão de um "padrão" responsivo, Kato (2007) aponta que as respostas com "sim" indicariam formalidade; aspecto esse que se pode encontrar em estudo de Oliveira (1986). Pois bem, nesse caso, aponto que uma análise de respostas com "sim" centrada em aspectos sintáticos e

morfossintáticos que levem em conta o tipo ou a classe verbal, ou afins, estaria por ser feita – é o que farei, como primeira contribuição, nesta tese.

Vejamos, em breve descrição, as propriedades das estruturas dos contextos responsivos com "sim" – considerando a estrutura morfossintática das estruturas que licenciam tais "respostas". Podem ser apontadas as seguintes características morfossintáticas relativas a estruturas de perguntas sim-não instanciadas nos dados do PLB:

— sentenças com cópula ou intransitivo ou similar, com codificação de estrutura de natureza predicativa [13]; [14]; [21]; [22]; [28]; [29]; [31]; [33]; [40]; [51]; [72]; [75];
— sentenças com cópula ou intransitivo ou similar, com codificação de estrutura de natureza equativa [3];
— sentenças em que há "perífrase" verbal, com auxiliar modal, aspectual ou similar [8]; [11]; [42]; [69];
— sentenças de foco estreito, com SN/DP; PPLoc ou similar [2], [5] e [9].

Admitindo-se que respostas com "sim" possam ser equivalentes a respostas curtas do tipo verbal - relembre-se que, nesse caso, restrições a esse tipo de resposta curta verbal remetem a propriedades morfossintáticas particulares da línguas naturais, em termos do conjunto de propriedades dos itens lexicais relativamente a traços formais. Tais restrições valeriam, também, em princípio, para explicar o comportamento de "sim" - essa é uma hipótese que apresentaremos no Capítulo 5. Antes de passar aos capítulos em que apresento aspectos relativos à perspectiva teórica e à minha análise dos dados - então proposta com base em enfoque teórico -, apresento, a seguir, uma questão relativa à estrutura da "pergunta", como possibilidade apontada mais acima. Pois bem, sentenças em que há "tags" – as "tag-questions" –, ou seja, sentenças em que há sentença de estrutura afirmativa, acompanhada de elemento de reforço, em geral, com "não" - 8, 9, 14, 16, 19, 20, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 34.

Pois bem, a despeito de não serem consideradas perguntas polares prototípicas (MARTINS, 1994, 2016) – aspecto esse que, em minha proposta, Capítulo 3, significaria dizer que, nesse tipo de estrutura, não haveria uma relação mais estreita entre "polaridade" e tipo frasal, creio não dispor de elementos suficientes de análise, para propor, aqui, que "tag-questions" não permitiriam contextos responsivos com "respostas verbais", ou, pelo

menos, não no caso de respostas verbais mínimas, e que, por outro lado, indicariam – como "padrão" de respostas, o da estratégia de resposta com "sim".

No entanto, não posso deixar de mencionar que a estrutura das "tags" favorece a ocorrência de respostas com "sim" - no caso de haver "concordância" com o que foi "perguntado". Como se tem evidência a partir dos dados do PLB da ocorrência de "sim" - – ou de cópula -, não se pode deixar, no entanto, de levar em consideração a questão da estrutura desse tipo de pergunta. Quanto a esse aspecto, aponto estudo de Martins (2008, 20016), em que as "question tags" instanciariam, na parte do reforço – a "tag"- a operação de "elipse". Pois bem, parece que esse aspecto ratifica a minha ideia de que a resposta "sim" pode ser creditada, de alguma forma, a aspectos sintáticos – dito de outro modo, sua ocorrência não poderia ser atribuída tão-somente a aspectos pragmáticos.

CAPÍTULO 4

Arcabouço teórico da pesquisa – a perspectiva gerativista; elipse e fase.

4.1. Sobre a sintaxe da elipse

Importa observar – ainda que de maneira breve – que "elipse de VP" é termo com que se tem caracterizado um fenômeno em que o verbo principal e os seus complementos ou adjuntos, em estruturas de coordenação, são o alvo da elipse, por oposição a outros tipos de construções elípticas – tais como *sluicing; gapping e stripping* –, que afetam, grosso modo, outros elementos da estrutura sintática, não apenas o predicado ou o complemento verbal. Pois bem, ainda no que diz respeito à" elipse do VP" em estruturas de coordenação, questões fundamentais que se colocam dizem respeito a contextos sintáticos em que a elipse de VP é licenciada e a condições de recuperabilidade/identidade entre o elemento elidido e o antecedente, como no clássico de Lobeck (1987, 1995), entre outros. Ainda, observe-se que, nesse contexto, estudos gerativistas sobre estruturas elípticas têm sugerido que "elipse de VP" – fenômeno geralmente apontado como prototípico do inglês (ver POLLOCK 1989; CHOMSKY 1995) – existe tanto no PB como no PE (CYRINO&MATOS, 2002), ainda que com algumas particularidades quanto à possibilidade - ou não – da presença de elementos que acompanhem o verbo, por exemplo, a colocação de elementos adverbiais junto a sequências verbais, em que o PE mostra-se mais restritivo do que o PB. Essas restrições, no entanto, dizem respeito, mais de perto, a estruturas elípticas em contexto de coordenação (PB "A Anna está enviando livros para as escolas e Paula está também enviando"; PE " ??? A Anna está a enviar livros para a editora e a Paula está também a enviar].

Nesta tese, "elipse de VP" é termo que emprego - grosso modo e de maneira mais restritiva - em referência apenas a "respostas verbais", em contexto de perguntas polares, tomando como base ideia de Holmberg (2001) de que tais estruturas são instanciadas por "elipse", Esse enfoque vou associar à ideia de "elipse" como "silenciamento" (GENGEL, 2007), acenando, portanto, com os pressupostos de *Spell-Out*, transferência e fase (CHOMSKY, 2005, 2008, em especial). Nesta tese, no entanto, não trato de construções elípticas em estruturas de coordenação, o que, de imediato, implica a não necessidade do estabelecimento de condições de recuperabilidade/identidade entre o elemento elidido e o antecedente na estrutura sintática - uma das questões empíricas fundamentais - mencionada, acima, - no que se refere ao estudo de elipse em estruturas coordenadas. A relação de

contexto, no caso de contextos responsivos a perguntas polares, é instanciada no par "pergunta-resposta".

Em relação a enfoques sobre "elipse" em contextos de coordenação, na literatura em geral, e, em especial, na de perspectiva gerativista, apontam-se dois modos principais de tratamento, os quais trazem, grosso modo, questionamentos acerca da existência ou não de material sintático "não pronunciado" nos locais em que se verifica a "elipse". Se a resposta for afirmativa, tal tratamento estrutural leva a outra pergunta: o material sintático está em toda a estrutura? A resposta afirmativa implica um tratamento em que "elipse" é vista como "apagamento" em PF (LASNIK&CHOMSKY, 1993, entre outros). Nesta tese, assumo a perspectiva sintática na derivação de elipse, com a perspectiva de tratamento do fenômeno em forma fonética, numa versão que, no entanto, se distingue da proposta de "apagamento" em PF.

Pois bem, a ideia que sigo como hipótese de trabalho, nesta tese, acerca do fenômeno em contextos responsivos a perguntas polares – sim/não - está ancorada no enfoque estrutural e explora a possibilidade de "elipse" como "não pronunciamento" (GENGEL, 2007), seguindo enfoques associados à noção de fase. Assim sendo, importa ratificar que meu modo de tratar "elipse" assemelha-se, guardadas as diferenças nas implementações, a enfoques em que esse fenômeno é entendido como um "não envio" de material sintático para *Spell-Out* (GENGEL, Op.cit.; ROUVERET, 2012; GALLEGO, 2010, 2012). Aponto, então, como hipótese, que o fenômeno que se encontra em contextos responsivos afirmativos a perguntas polares consubstancia-se no complemento/domínio da fase v*P e, ainda, no domínio da fase CP, como será elucidado na seção em que trato de aspectos ligados à derivação por fases, neste Capítulo, ainda.

4.2. "Elipse" em contextos responsivos a perguntas polares – sim-não – alguns estudos sobre o PB e o PE

Nesta tese, a discussão sobre interrogativas polares do PLB baseou-se no tipo de resposta que podem receber. Na derivação das respostas a perguntas polares - sim-não -, seja ratificado que o par pergunta-resposta envolve, grosso modo, um "intrincado" conjunto de propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas/informacionais, em geral evidenciadas em forma de restrições, as quais estudos gerativistas têm abordado. No entanto, dadas a diversidade de enfoques por meio do qual o assunto tem sido tratado, procuro apresentar, nesta seção, alguns aspectos que, de alguma forma, ajudaram-me no

encaminhamento de minhas propostas. Começo pelo estudo que me levou – Capítulo 3 – a considerar mais de perto o *conceito* de resposta, por exemplo. Em seleção "apertada", passo para estudos que enfocam propriedades de itens lexicais e apontam o que estaria em jogo na derivação de respostas em contextos de perguntas polares – sim-não. Em se tratando de enfoques que analíticos que se concentrem nas propriedades das perguntas polares a partir de *respostas afirmativas*, a seleção de estudos tanto no PB quanto no PE também não foi tarefa fácil.

4.2.1. Para "responder" à sua pergunta, no PB.

Em Oliveira (1996, p. 39, nota 32), as interrogativas globais ou polares, recebem a seguinte apresentação: *interrogativas de foco largo*, quando focalizam o sintagma flexional - TP (O eletricista chegou?) e de *foco estreito,* quando as interrogativas focalizam o sintagma nominal – SN/DP (O eletricista?); o sintagma preposicional - PP (....com o carro?). Nessa classificação, Oliveira (op. cit.) inclui, também, o sintagma complementizador - CP. A autora, ainda, distingue, em termos de uma relação postulada entre *interlocutor* e *proferimento*: assentimento/response – a reação do interlocutor, no que se refere a uma frase imperativa ou declarativa; de compromisso em relação ao proferimento de uma frase imperativa; e confirmação - proferimento de anuência com relação a uma frase declarativa anterior. Dessa relação, a autora chega à frase *assertiva reativa*, ou seja, resposta afirmativa a uma *interrogativa* anterior (de foco largo), observando que respostas às interrogativas de foco estreito estariam no domínio da **confirmação**. Neste trabalho, como já citado, meu recorte analítico recaiu sobre "respostas afirmativas", ou seja, as respostas com "sim" e as respostas verbais. No Capítulo 2, apresentei considerações acerca do conceito de "resposta", encaminhando a proposta da existência de um traço de polaridade no verbo, que se consubstancia na existência do par "pergunta-resposta". Nesse enfoque mais restritivo, sobre o conceito de "resposta", portanto, é que trato de aspectos ligados a "elipse", que, então, associo ao tratamento dado a derivação por fases (CHOMSKY, 2005, 2008), que apresento ainda neste Capítulo.

Dito de outro modo, minha proposta de análise não enfoca, por exemplo, relações de compromisso em sentenças imperativas, entre outas, e, como já citado na introdução do Capítulo 3, meu recorte analítico recaiu sobre respostas afirmativas, ou seja, as respostas "sim" e respostas verbais, na relação "pergunta-resposta", portanto.

4.2.2. A possibilidade de resposta verbal mínima/curta e a opcionalidade do "sim"

Em estudo de 1992, Kato e Tarallo apontavam que o PB privilegia, nas respostas afirmativas, os verbos – auxiliar ou principal -; elementos adverbiais, como "já" ou "sempre", e quantificadores, como "tudo", entre outros, o que implica dizer que respostas com "sim" são instanciadas em menor número. Kato (2016), em estudo sobre respostas afirmativas do PB e do PE, comparativamente ao fenômeno em línguas como o japonês e o finlandês, aponta, entre outros aspectos relativos a processos derivacionais, a opcionalidade da partícula "sim", em estruturas responsivas do PB e do PE. A autora aponta, ainda, que (i) "sim", no PB, indicaria formalidade, e que (ii) a cópula seria usada quando, na pergunta, há perífrase verbal, ou seja, uma forma verbal complexa. Importante mencionar que considerei mais de perto, no caso do PLB, a ideia apresentada em Kato (2016) acerca da propriedade do PB e do PE relativamente à possibilidade de haver uma resposta verbal mínima, ou seja, instanciada sem a partícula "sim" (op. cit.) Esses são aspectos relevantes que procuro descrever e retomar, no Capítulo 5, quanto à distribuição de sentenças afirmativas do PLB.

4.2.3. Respondendo afirmativamente no PE – apresentando "Padrões Responsivos"

No que se refere a "respostas mínimas afirmativas", importa citar Martins (2016, em especial), em que são apresentados os "padrões responsivos" do PE. A autora enfoca marcadores de polaridade que expressam oposição ao invés de confirmação, por exemplo, mas apresenta as seguintes possibilidades de que o PE dispõe quando se trata de "afirmação". São elencadas as ocorrências de (i) respostas verbais; (ii) respostas com "sim"; (iii) respostas com *ser*; e (iv) respostas adverbiais. Interessante apontar que Martins (op. cit) considera que tais ocorrências têm propriedades distintas e não estariam em variação livre entre si. Quanto às respostas verbais mínimas, a autora aponta que, no quadro das línguas românicas, o português (juntamente com o galego) tem a particularidade de permitir - e preferir - respostas verbais para expressar a afirmação, uma propriedade herdada do latim, propriedade essa que, hoje, aproxima o português de línguas como o finlandês (HOLMBERG, 2001), entre outras. Ainda segundo Martins (op. cit), o PE dispõe de uma estratégia de reduplicação do verbo, em estruturas monooracionais enfáticas, que o separa do PB, aspecto esse que, no entanto, poder-se-ia, ainda que, minimamente, ser observado no PLB.

4.2.4. Síntese dos estudos

Interessante apontar (Ver OTT, 2016, 2017) que estudos acerca do fenômeno da "elipse" - mesmo quando considerado sob o escopo da interface fonológica - podem associar o enfoque de apagamento em PF a movimento de remanescentes, aspecto esse que exige "retirada" de material do local da elipse, uma operação condicionada à codificação de foco e que deve ocorrer, necessariamente, antes da ocorrência do *apagamento*. A questão da associação de "elipse" e "foco", guardadas as diferentes implementações, por óbvio, pode ser identificada em Oliveira (1986), na postulação de uma categoria que codifica foco, a qual estaria ligada a traços de polaridade e a *licenciamento* de elipse, enfoques que, no geral, pressupõem, então, a presença, na estrutura sintática, de uma posição codificadora de polaridade e de uma – ou mais posições – as quais, no curso da derivação, "abrigariam" material, que será finalmente "apagado", ficando implícita, portanto a ideia de "movimento" e de "apagamento".

Guardadas as diferenças de implementação entre as autoras citadas, aponto, a seguir, alguns aspectos da representação de sentenças com elipses. Seja considerada, para exemplificação, as seguintes estruturas: "O João viu o incêndio? / "Viu".

Na "proposta" de Martins (2006):

(1) [$_{\Sigma P}$ [$_{\Sigma''}$ viu [$_{TP}$ T"~~viu~~ [$_{VP}$~~O João viu o incêndio~~]]]]

Considere-se que a proposta procura explicar fatos do PE. A categoria relacionada à polaridade é ΣP, que abriga o verbo, que se move para Σ, a categoria de IP – o sintagma flexional - mais alta, e licencia a elipse de VP. Observe-se que representação inclui, como "resposta", a estrutura da sentença "completa", com recurso, então, a movimento do verbo e "apagamento"" do que é considerado, nessa análise, o VP, com o sujeito representado na mesma estrutura;

Na "proposta" de Kato (2016), que adota a perspectiva cartográfica de Rizzi (1997), com as categorias da periferia esquerda, como Finitude, Força, além de Tópico e Foco, e, também, Ground – ligada ao conceito de "pressuposição" –, as quais, abrigam, como resultado de movimento, "partes" da estrutura a serem apagadas, mas a "estrutura" de partida corresponderia, também, a uma "resposta" completa. Por fim, Kato assume uma categoria PolP – categoria responsável pela ideia de polaridade.

Tomemos o mesmo exemplo, considerando o PB, mas com a representação da partícula de polaridade, nas posições pré-sentencial e pós-sentencial. “O João viu o incêndio? / “Viu sim”“, “Sim viu”“, pois interessa apontar que,

(2) [GroundP [$_{PolP}$ *João/pro viu (o incêndio)*]G [FocP *SIM* [~~PolP~~ [$_{ForceP}$[$_{F}$ SIM [$_{GroundP}$ [$_{PolP}$*João/pro*Pol [$_{Tp}$*i* /*pro*$_{i}$T [$_{vP....}$DP]]] G[$_{FocP}$[F viu [~~PolP~~]]]]]]

Observe-se que, nas diferentes “ordens”, estão implícitos, em especial, movimentos da partícula “sim” a posições distintas : à esquerda do verbo, a partícula ocupa o núcleo de ForceP, à direita, ocupa uma posição de foco. No caso de “sim”, sem estrutura de resposta verbal, a partícula “sim” ocuparia a posição de Force, sendo necessário recorrer a “apagamento” de outas posições.

Observe-se que, embora Kato (2016) aponte a “opcionalidade “ de “sim” no PB e no PE, não fica clara a explicitação desse elemento como uma propriedade interessante de línguas em que há essa possibilidade, como é o caso do PB, do PE, e, igualmente, do PLB – como está evidenciado pelos dados analisados nesta tese -. Dito de outro modo, tal aspecto pode ser apontado pelo fato de a representação da estrutura com material “selecionado” para elipse, na proposta de Kato (2016), entre outras, estar sempre atrelada a uma “resposta completa”, em que se toma como base o “que não precisa ser repetido” para se chegar à elipse. Observe-se que, na proposta de Kato (op. cit), o material a ser “elidido”, por assim dizer, passa por operações de movimento, no curso da derivação, até se consubstanciar, finalmente, a “elipse”, havendo, ainda, apelo a posições de foco, que devem ser “ocupadas”, - ou alcançadas - no curso da derivação, para que se se cheque ao “material elidido” (Ver também MARTINS, 2016); HOLMBERG, 2001, 2003, 2007, 2018, entre outros).

4.3. Derivação de uma sentença em perspectiva gerativista minimalista – considerações gerais

No escopo da teoria derivacional orientada por fases (CHOMSKY, em especial, 2005, 2008), a estrutura sintática é decomposta em fases – “blocos” –, relativamente independentes nas duas interfaces – forma lógica (doravante FL) e forma fonética (doravante PF). Postula-se que objetos sintáticos – “blocos” –, no enfoque da derivação por fases - sejam formados por meio da operação concatenar (*Merge*) - a operação computacional mínima necessária para construir uma infinidade discreta de objetos sintáticos (CHOMSKY, 2001, 2005, 2008) e consubstanciada na operação *Agree* – que, para além da ideia de “concordância (verbal e

nominal), da tradição gramatical, é assumida, grosso modo, nas versões minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY,1995, em especial), como uma operação de valoração de traços de "objetos", para que sejam "sintáticos", ou seja, para que a derivação seja bem formada. Assim sendo, é possível apontar que Agree seria uma espécie de "licenciamento". Quanto à identificação mais recente das categorias que instanciam "fase", sigo (CHOMSKY, em especial 2005, 2008), em que se apontam v*P e CP, mas não VP e TP , como fases.

4.3.1. Sobre a derivação por fases

Nesta tese, considero crucial enfocar fases sob a perspectiva de seu aparato "proposicional"; aponto, portanto, a seguir, aspectos relevantes para a minha análise – que será apresentada no Capítulo 5 desta tese - acerca da distribuição de respostas verbais e respostas com "sim" referentes ao contexto de respostas afirmativas a perguntas polares afirmativas do PLB.

Seja considerada a seguinte representação de uma sentença com verbo transitivo, intuídas, na sequência, as operações *Merge*/Concatenar e Agree. A categoria sintagmática CP vale por "sentença".

(3) [CP [C´[C [TP [T´ [v*P [v*´[v* [VP]]]]]

v*P instancia propriedades semânticas e morfossintáticas de verbos transitivos/causativos, cujo comportamento reflete-se na derivação, no que se refere a possibilidades instanciadas por seus argumentos – interno (objeto) e externo (sujeito);

(4) .....[v*P [v*´[v* [VP DP]]]]]

Argumenta-se que a categoria lexical V(erbo) move-se, em tese, até, pelo menos, a posição da categoria funcional v(vezinho), havendo a formação de um item lexical que, na verdade, é o "verbo": [Vv]. Sobre isso, recorde-se que, em Chomsky (1995, 2000), foi proposto que o movimento de núcleo não seria de fato uma operação sintática, mas um fenômeno pós-sintático. No entanto, em Chomsky 2013, vê-se o retorno da ideia de que movimento de núcleo é sintático, ou seja, a estrutura resultante é criada no curso da derivação. Pois bem, no que se refere ao fenômeno da "elipse", essa questão é importante, pois tem sido

apontado que a elipse de VP é característica de línguas em que o verbo se move para T (ou C), em especial no que se refere a contextos de coordenação. Esse fenômeno não será mais discutido aqui.

Some-se a propriedade de verbos que são núcleo de fase à lógica por trás do aparato ligado à ideia de fases, qual seja: no que se refere à transferência (*Transfer*) de um objeto sintático para *Spell-Out*, entram em cena aspectos tais como o espaço de "busca" para v* - que é "sonda" (*probe*) - e o tamanho da unidade transferida ("domínio frasal""). Assim tem-se: se a fase for v*P, o núcleo é v*, cujo espaço de busca é o seu complemento/domínio VP – que será, então, transferido para *Spell-Out*, no curso da derivação;

Aqui, se a mesma lógica relativa a propriedades de busca de um núcleo de fase for aplicada à ideia de "elipse" como "não pronunciamento" (GENGEL, etc), a categoria VP, domínio/complemento de fase, não será enviada para *Spell-Out* – nesse enfoque de "elipse", o que está em jogo é o "não pronunciamento" dessa categoria sintagmática.

Em relação à "elipse", portanto, pode-se ter a seguinte representação esquemática: [v*P[Vv* [-]. Assim, no caso de uma pergunta polar "afirmativa", como "Você viu o João?", a resposta afirmativa "Vi"" indicaria, nesse enfoque, haver o não pronunciamento do complemento dessa fase, porque, como se trata de um verbo "transitivo", o complemento da fase - VP – não seria enviado para *Spell-Out*. O não pronunciamento é, *prima-facie,* instanciado - no caso de interrogativas polares - por um traço de polaridade da sentença interrogativa. O núcleo que licencia "elipse", com polaridade afirmativa, em línguas como o PB, o PE e o PLB, é, por excelência, uma categoria verbal, configurando, nesse caso, o que se tem denominado de "respostas verbais" – aqui, seguimos a ideia de McCloskey (1991) de que o verbo finito lexicaliza o traço de polaridade, e seria isso que traduziria a ideia de que todo verbo flexionado contém – ele mesmo – um traço semântico que instancia o "sim"; ratifico, aqui, - ainda seguindo McCloskey (op. cit) - que a ocorrência de "sujeito nulo" em respostas a perguntas polares é aspecto que independe de propriedades que podem ser creditadas ao licenciamento de "elipse"; com isso, afasta-se também, nesse enfoque que assumo para elipse em contextos responsivos a perguntas polares a ideia de "objetos anafóricos" não realizados foneticamente;

Sobre a análise da distribuição de argumento(s) de verbos inacusativos - as estruturas passivas; estruturas predicativas e equativas e afins -- quando comparada à distribuição de argumentos de verbos "transitivos", é plausível apontar que aqueles não teriam a mesma natureza, em especial se se considera o "espaço de busca" – como citado acima – implícito em v*, núcleo da fase v*P. Considero que, nesse aspecto, a implicação mais direta, para a questão

da “elipse”, é a de que, em se tratando de verbos inacusativos e afins, a derivação teria apenas um ciclo (LEGATE, 2003);

Seja considerada uma representação simples de inacusativos (ver BURZZIO, 1986, entre outros), verbos que, em geral, apresentam apenas um argumento – o argumento interno (AI), mas não argumento externo (AE) [-v[vP AI]]], que, embora monoargumentais, distinguem-se, ainda, de verbos intransitivos. Interessante apontar - ainda que de maneira breve – que os inacusativos não constituem uma classe verbal homogênea. Duarte (2003) classifica-os da seguinte forma: a) verbos de mudança de estado (como crescer e falecer, por exemplo); b) verbos de movimento (como chegar, partir, descer, subir, entrar, sair, ir, vir), c) verbos de existência (como existir, por exemplo) e existenciais locativos (como morar e viver, entre outros) e verbos que denotam ausência ou carência (como faltar), e d) verbos de aparição (como aparecer, sumir desaparecer, acontecer, ocorrer).

Se se considera o “espaço de busca”, implícito nos pressupostos da derivação por fase, e a operação *Merge*/concatenar, que resulta na formação de um objeto sintático, pode-se apontar por que inacusativos têm ficado fora da noção de fase;

Assim sendo, no que se refere à transferência de complementos/domínios para as interfaces – a categoria que estaria implícita, como espaço de busca, no caso de inacusativos, seria, então, CP, cujo domínio é TP;

Quanto a esse aspecto, aponto, numa primeira abordagem, neste trabalho, a proposta de Miyagawa (2009) para os traços discursivos. Alguns traços de uma categoria no domínio de C podem ser transmitidos até T, o núcleo mais alto do domínio TP, onde elas determinarão a polaridade da sentença. Isso é formalmente similar, mas não idêntico, à transmissão de recursos de C para T proposta em Chomsky (2008). Nesse caso, poderia estar em jogo a inserção de partícula “sim”, em línguas em que há opcionalidade entre “sim” e respostas verbais mínimas, aspecto esse que deverei explorar em uma segunda análise dos dados selecionados para esta tese, assim como será feito relativamente a outros dados que se encontram no escopo da pesquisa do “Projeto Libolo”.

Se a minha proposta de análise estiver no caminho certo, pode ser apontado que os dados do PLB trazem evidência de que as respostas afirmativas e perguntas polares - sim-não – instanciam estratégia sintática e estratégia lexical, as quais se consubstanciam a partir de propriedades distintas, relativamente a aspectos tais como o espaço de “busca” para v* e C - e o tamanho da unidade transferida (“domínio frasal”“), as quais, nesse caso, teriam ligação direta com questões como tipo/classe verbal, entre outras, porque são elementos que, na proposta de derivação por fases, estão implícitos na distinção entre *fase e não fase.*

Ainda, é possível apontar que a variação que se possa encontrar relativamente a "padrões" responsivos a perguntas polares afirmativas pode ser creditada a propriedades formais dos itens lexicais e suas categorias sintagmáticas, que colocariam, enfim, tanto v*P como CP no cenário da "elipse" – do que "não é dito".

CAPÍTULO 5

Análise de dados do PLB à luz da teoria minimalista de derivação por fases, hipóteses a proposta de análise.

5.1. Relembrando "elipse" e "fase"

5.1.1. Em direção a uma proposta

Minha proposta de análise sobre o fenômeno da "elipse" tem como perspectiva a derivação por fase e recai, precisamente, na distinção entre fase e não fase. Embora aspectos com os quais tenho lidado sejam conceituais, haveria, no entanto, consequências empíricas em jogo, em especial no que se refere a propriedades de categorias funcionais e, mesmo, de itens lexicais, o que parece poder explicar a intrincada arquitetura de perguntas polares e suas respostas afirmativas. E há!

Pois bem, no conjunto de dados do PLB analisados nesta tese, o repertório - em menor número - de **respostas verbais mínimas** ocorre com verbos "transitivos". Por outro lado, com verbos inacusativos, formas passivas, estruturas predicativas e/ou equativas e, mesmo com verbos auxiliares ou perífrases verbais, ocorreu um maior número de respostas com "sim". Tal fato mostrou-se um aspecto relevante para a minha análise, considerando-se, em especial, que a coleta faz registro de dados de fala por meio de entrevista. Algo que se mostrou, para além da descrição de "padrões" de contextos responsivos? SIM, pode ser! Por isso, a minha tentativa de análise, nesse enfoque à la "fase".

Então, se fase é o local da derivação onde os complementos/domínios fásicos são enviados para *Spell-Out*, então, haverá, na fase, um elemento que permitiria, de pronto, o não envio de material para *Spell-Out*? Uma observação se faz necessária, aqui: esse aspecto da derivação de contextos responsivos a perguntas polares, a que se tem denominado de "elipse de sintagma verbal", representaria, nas línguas em que se observa a possibilidade de "respostas verbais mínimas", a lexicalização/instanciação de um traço positivo de polaridade no elemento verbal - consubstanciada na relação "pergunta/resposta" - no elemento verbal. Se assim não fosse, tudo seria só "elipse"; nem mesmo um "sim" restaria.

Pois bem, mesmo em compêndios mais tradicionais acerca de questões de linguagem, "elipse" é definida como "supressão de um termo para evitar repetiçã*o* no enunciado". Assim, nesse caso, a elipse estaria condicionada a suprimir, indicando que há elementos que não precisam ser repetidos. Só nessa condição, a proposta de fase pode ser entendida como

possibilidade de não envio de material para *Spell-Out*. Aqui, o cenário é o par "pergunta-resposta", em especial, em contexto de perguntas polares.

Tem sido um dos pilares da literatura sobre elipse, desde meados dos anos 80 e 90, que a elipse é licenciada por certos núcleos – que ocupariam determinadas posições na arquitetura da sentença – os quais acionariam a supressão/apagamento de seus complementos. Se se adota a perspectiva de elipse ligada à derivação por fases, uma possibilidade inovadora, além de outras ligadas a "posições" de licenciamento, é a de que o complemento/domínio não será enviado para *Spell-Out*. Em outras palavras, esses elementos não terão "pronúncia" em PF.

5.2. A distribuição de respostas verbais e com "sim" no PLB e a proposta de análise de respostas a perguntas sim-não no PLB

Assumo que a derivação de respostas mínimas afirmativas a perguntas polares – sim-não – "expõe" questões ligadas à acessibilidade do núcleo da fase. Com essa perspectiva, ainda assumo um ponto de vista de análise que procura reforçar a ideia de que a variação encontrada em contextos responsivos a perguntas polares – sim -não – possa ser creditada ao léxico, mas no que se refere, no caso específico, ao conjunto de propriedades dos itens lexicais e funcionais, que entram na caracterização de núcleos de fases, aspecto esse que, como já observado, ainda não terá sido levado em conta em estudos sobre elipse, até onde se saiba. Assim, se a fase for v*P, o núcleo é v*, cujo espaço de busca é o seu domínio – VP – que será, então, transferido para *Spell-Out*, no curso da derivação; aqui, se a mesma lógica for aplicada à ideia de "elipse", como observado acima, é VP que não será enviado para *Spell-Out*, e o que está implicado, no curso da derivação, é o "não pronunciamento" dessa categoria sintagmática em PF. Esse é o cenário do não pronunciamento do complemento/domínio da fase , quando há verbos "transitivos". Relembrando, de maneira breve, com verbos inacusativos – a que se poderiam somar verbos auxiliares e ou modais e ou perífrases verbais – que não são fase, não haveria elipse de VP. Essas estruturas apontam uma não fase. Assim sendo, essa derivação implicaria recurso à inserção de "sim" em Cº, com "elipse" de todo o TP, que é o domínio/complemento de C.

Observe-se uma representação bem simples acerca dos aspectos apontados:

(1) a. ….[v*P [v*V <u>[VP [DP]]]]</u> > (a) *Spell-Out*: envio

b. .....[v*P [v*V ~~[VP [DP]]]]~~ > (b) Elipse: não-envio para *Spell-Out*

O que a formalização procura captar em (b) é o não pronunciamento do domínio da fase v*P – o que, à falta de um "traçado" melhor – fez-se com sinal de "corte". A esse **efeito** pode-se chamar "elipse" de VP, se a estrutura responsiva estiver na relação pergunta-resposta; em (a), a representação evoca a "ida" do domínio da fase para *Spell-Out*, como, generalização, grosso modo, tem-se uma estrutura que "segue" o curso da derivação, com implicação relativa às operações do sistema computacional.

Portanto, ratifico que a elipse tenha como alvo o domínio da fase, que considero ser o VP, da fase v*P, e o TP, da fase CP, lembrando que, nesse caso, haveria apenas um "ciclo" fásico, como representado a seguir:

(2) c. ….[CP C [TP T [v [VP]

d. ....[CP C ~~[TP T [v [VP]~~ >(d) Elipse: não-envio para *Spell-Out*

e. [CP [C sim]]]

Para esse quadro de proposta de inserção de "sim", importante apontar que enfoco a opcionalidade de emprego de **sim** com respostas verbais. No PLB, também se observam respostas simples, o que pode ser apontado como a opcionalidade de "sim" com resposta verbal.

De olho nesse "quadro" – e considerando mais de perto a questão da opcionalidade de **sim** no PLB – e, ainda, aceitando a ideia de que "respostas verbais afirmativas" e "**sim**" codificam um mesmo traço de polaridade –, é possível associar esses aspectos numa análise de respostas afirmativas a perguntas polares, considerando que "sim" é *Merged*/conectado em C. A ideia toma como vantagem, ainda, aquilo que parece ser evidência de que "sim" e o complementizador concorrem pela posição de núcleo de CP, em línguas em há opcionalidade entre resposta com verbos e com partícula "sim".

Observe-se o fenômeno, ainda que com dados do PB:

(3) – Você leu o livro? – Li/ – Sim/*Sim que li – cf Claro que li"

A ideia da possibilidade de partícula "sim" com verbos deve ser vista com atenção a propriedades da estrutura sintática, pois, no caso de serem usados os dois itens na resposta afirmativa a perguntas polares, o que de fato parece ocorrer é que a partícula e o verbo parecem ocupar posições diferentes na estrutura da sentença, o que poderá ser explicado por movimento, e implicam entrar na questão da distinção entre respostas mínimas – respostas

verbais e/ ou com “sim” – versus as respostas complexas ou alargadas, aspecto esse de que não poderemos tratar, no espaço desta tese:

(4) – Sim/ li/ – Li/ sim.

5.3. Um pouco mais sobre a proposta de representação da “elipse”

É importante observar que a derivação de respostas afirmativas a perguntas polares no enfoque de elipse ligada à derivação por fases não toma como base a sentença “completa” – creio que essa perspectiva pode ser vista como uma alternativa simples, e, ainda, que leva em conta aspecto conceituais acerca de “elipse”, que tomo como a operação “evite repetir”, possivelmente correlata a outras operações “evite”, à disposição nas línguas. Pois bem, considerando, ainda, a lexicalização/instanciação de um traço positivo de polaridade no elemento verbal – consubstanciada na relação “pergunta/resposta” – na derivação de “elipse”, associada ao enfoque de fase, o verbo poderia ser considerado seria o “gatilho” e o licenciador, nas línguas em que se observa a possibilidade de “respostas verbais mínimas”.

Tomemos um exemplo de resposta verbal mínima do PLB, dado renumerado:

(5) [LUSAMH1]
DOC: Água, hum… Tu gostas de bolacha?
AL: Gosto.
DOC: E tu não fazes os deveres?
AL: Faço.

(6) [CP C [TP T [v*P [v*V gosto ~~[VP de bolachas]]]]]~~

VP não é enviado para a pronúncia em PF – “elipse” de VP

(7) [CP C [TP T [v*P [v*V faço ~~[VP os deveres]]]]]~~
VP não é enviado para a pronúncia em PF – “elipse” de VP
Agora, apresento exemplos com a resposta “sim”:

(8) [ANFERH3]

DOC: ...né? esse nome Camoço não é o teu nome, é nome de casa?

AL: sim

DOC: então teu primo faleceu né?

AL: sim

(9) [CP C sim ~~[TP T [vP [v é [VP nome de casa]]]]]~~

Observe-se que VP não é complemento de fase, porque vP não é fase; TP não é fase, mas é complemento/domínio da fase CP, assim sendo, apenas TP não é pronunciado em PF, nesse caso, há inserção de "sim", que garante a "resposta" afirmativa.

(10) [CP C sim ~~[TP T [vP possessivo +primo[v [VP faleceu]]]]]~~

Observe-se que VP não é complemento de fase, porque vP não é fase; TP não é fase, mas é complemento/domínio da fase CP, assim sendo, apenas TP não é pronunciado em PF, nesse caso, há inserção de "sim", que garante a "resposta" afirmativa. Interessante observar que a realização da forma possessiva, que nunca é levada em consideração nas propostas de "elipse" como apagamento, talvez por "complexidade" de análise, em nossa proposta, não seria levada em consideração porque o que deve ser levado em conta é a estrutura de v*P ou vP, que definem fase ou não.

5.4. Considerações finais sobre a proposta

Relembro, a seguir, a distribuição – relativa aos dados de sentenças interrogativas sim/não, com respostas SIM – com base na perspectiva gerativista de derivação por fase, para corroborar a análise apresentada e, ainda, a propriedade da proposta conceitual de "fases".

(i) sentenças com cópula ou intransitivo ou similar, com codificação de estrutura de natureza predicativa [13]; [14]; [21]; [22]; [28]; [29]; [31]; [33]; [40]; [51];

(ii) sentenças com cópula ou intransitivo ou similar, com codificação de estrutura de natureza equativa[3];

(iii) sentenças em que há "perífrase" verbal, com auxiliar modal, aspectual ou similar [8]; [11]; [42];

(iv) sentenças de foco estreito, com SN/DP; PPLoc ou similar [2], [5] e [9];

Caso correta a proposta de que nesses contextos haveria elipse de TP, no domínio de CP, com inserção de "sim", terei mostrado que o recurso à resposta *mínima* "sim" apontaria a "lexicalização" de um traço de polaridade de C, no sistema CP; dito de outro modo, a resposta mínima com **sim** envolve a concatenação – *Merge* – desse item em C. Uma tal proposta parece, no entanto, não explicitar a possibilidade do **sim**, como resposta mínima. Pois bem, procurei mostrar – considerando os pressupostos implícitos na derivação por fase – que essa possibilidade decorre, justamente, de uma tal propriedade de um núcleo de uma fase – e apenas de um núcleo de fase –, qual seja, a de poder instanciar operações de transferência para *Spell-Out* – ou de "silenciamento" de seu complemento/domínio, no caso da "elipse". Num caso e no outro, portanto, as possibilidades derivacionais explicam-se. Assim, elipse de VP e elipse de TP – que são possibilidades de línguas que têm respostas mínimas, em oposição a respostas alargadas – estariam, entretanto, em distribuição complementar, se considerada outra propriedade importante do sistema responsivo afirmativo a perguntas polares – a opcionalidade de "sim" com estruturas verbais.

6. CONCLUSÃO

Nesta tese, foram investigados os contextos responsivos às interrogativas sim-não – ou interrogativas globais, ou polares – do PLB. Tendo como base a descrição e a análise das propriedades morfossintáticas de respostas afirmativas, relacionadas a pressupostos da derivação por fase, apresento a seguir algumas considerações acerca de como e "quanto" as questões lexicais, morfossintáticas e semânticas instanciadas nas interrogativas sim-não do PLB estariam instanciadas. Destaco que o aspecto empírico de importância no PLB deriva da opcionalidade da ocorrência da partícula "sim" em respostas, ou seja, a possibilidade de resposta verbal mínima/curta – em que se apresenta apenas uma forma verbal elicitada na pergunta, no caso, um verbo principal ou verbo auxiliar. A resposta verbal mínima é o padrão típico das respostas afirmativas do PLB, e, assim, considerada a opcionalidade da partícula "sim", aponto a semelhança entre essas respostas.

Desse aspecto empírico apresento a ideia de que as *respostas afirmativas* codificadas em respostas verbais mínimas representam, no PLB, o tipo de resposta que codifica um traço de polaridade do verbo, como no PB, no PE, assim como o "sim. Por outro lado, a ocorrência de respostas instanciadas por elementos adverbais e/ou quantificadores, tais como "já" e "só", por exemplo, e de sintagmas adverbiais locativos, entre outros, mostra restrições sintáticas a "respostas verbais" que, no entanto, não dizem respeito à lexicalização de um traço de polaridade. Assim sendo, ratifico a hipótese de que o traço de polaridade codificado no verbo equivale ao "sim", aspecto esse que se aponta, igualmente, quanto ao PLB – o que deixa implícita a necessidade de maior número de pesquisas sobre propriedades morfossintáticas de línguas em situação de contato.

Nessa proposta, está a ideia de que respostas verbais alargadas – ""Sim vi/Vi sim", ou afins – que codificam, grosso modo, contexto de "ênfase" não podem ser equiparadas a "respostas verbais mínimas", no que se refere a procedimentos de "elipse" e inserção de partículas afirmativas. A análise desse tipo de resposta, que não fez parte dos estudos desta tese, traz uma perspectiva de continuidade da pesquisa, portanto.

Ao apontar um paralelo entre esses enfoques, apresento evidências de que, em contextos responsivos ligados a perguntas sim-não ocorrem, no curso da derivação computacional – a sintaxe propriamente dita –, restrições morfossintáticas e sintáticas que encontram, na proposta de derivação por fases (Chomsky, 2001; 2005/2008), explicitação para o fenômeno enfocado.

Tal aspecto aponta que podem ser intensificadas pesquisas no que se refere a verbos inacusativos e afins, verbos auxiliares e estruturas predicativas, por exemplo, também relativamente ao PB e ao PE, fato esse sinaliza a ideia da necessidade de uma "reavaliação" de análises no que se tem tomado como "padrões" de respostas a perguntas polares, em especial no que se refere ao "sim", quando é oposto a "respostas verbais".

Ao traçar, na tese, um paralelo analítico entre enfoques ligados a "elipse" e a "polaridade", no que se refere à descrição e à apresentação da proposta de análise, procurei apresentar, em primeira versão, como já citado, evidências de que , em contextos responsivos ligados a perguntas sim-não ocorrem, no curso da derivação computacional – a sintaxe propriamente dita –, restrições morfossintáticas e sintáticas que encontram, na proposta de derivação por fases (Chomsky, 2001; 2005/2008), explicitação para o fenômeno enfocado, o que confirmaria, ainda, no que se refere, tanto a respostas curtas verbais como em respostas com "sim", que as restrições evocam propriedades morfossintáticas de itens lexicais, no que se refere ao seu conjunto de traços formais, o que evidencia que a variação tem explicação no léxico. Ainda, como sugerido em outra seção, a hipótese de que o traço de polaridade codificado no verbo equivale ao "sim", aspecto esse que se aponta, igualmente, quanto ao PLB – deixa implícita a necessidade de pesquisa acerca de propriedades morfossintáticas do PLB, língua em situação de contato, em área banta.

Continuando, nesta tese, foram investigadas as interrogativas sim-não – ou interrogativas globais; ou polares – do PLB. Tendo como base a descrição e a análise das propriedades morfossintáticas dessas sentenças interrogativas, apresentei uma proposta de análise para o fenômeno da elipse associada à derivação por fases (CHOMSKY, 2001; 2005/2008) e a ideia de instanciação do traço positivo de polaridade. Com efeito, o ingrediente formal apontado acima também se torna significativo e se reveste de interesse para novas descrições e análises relativas a perguntas sim-não, como será apontado a seguir.

Em primeiro lugar, aponto que a elipse pode ser vista como importante fator na investigação de auxiliares e/ou modais em respostas afirmativas a perguntas sim-não. Dito de outro modo, investigar a distribuição dos modais nesse tipo de respostas, pode levar a uma generalização, no caso, acerca de características semanticamente motivadas e sintaticamente ligadas à derivação por fase e, ainda, explicitar propriedades ainda não elencadas em análises existentes na literatura acerca desses elementos verbais.

Ainda nessa linha da explicitação da elipse no enfoque de derivação por fases e sua associação com aspectos empíricos das respostas a perguntas sim-não, aponto a importância

de descrição e de análises relativamente a sentenças em que se observa o verbo ser (cópula) e afins – em estruturas que podem instanciar *Small-Clauses* – pequenas orações –, por exemplo.

Importante, também, ainda nessa linha da análise de elipse associada à derivação por fases, avançar na análise de respostas a perguntas polares com advérbios e quantificadores.

Aqui, relembro a aproximação do problema – levado a efeito no Capítulo 3 – acerca da relação pergunta-respostas na instanciação de um traço de polaridade positiva, aspecto esse que associei à possibilidade de "resposta verbal" e "sim" como respostas a perguntas sim-não. Pois bem, procurei apresentar, no desenvolvimento da tese, evidências empíricas de que, em contextos responsivos ligados a perguntas sim-não, ocorrem, no curso da derivação computacional – a sintaxe propriamente dita –, restrições morfossintáticas e sintáticas que encontram, na proposta de derivação por fases (CHOMSKY, 2001; 2005/2008), explicitação para o fenômeno enfocado, o que se confirmaria tanto no caso de respostas curtas verbais como no caso de respostas com "sim". Assim sendo, aponto o interesse que a proposta oferece para a análise de elementos verbais e/ou sim, em estruturas que não instanciam a relação "pergunta-resposta", com o objetivo de se apresentarem as propriedades de tais elementos. Ademais, aponto as "questões "tags"; as respostas dadas a perguntas polares com elementos negativos, e, ainda, a maneira como o sistema responsivo a perguntas polares do PLB instancia outros tipos de elipses, bem como outras propriedades dos sistemas gramaticais que consubstanciam o dizer "sim" e o dizer "não", que não foi possível descrever para efeito desta tese. Por fim, ratifico a ideia de que o estudo da "elipse" abre um variado leque para investigações que explorem outras "formas" sintáticas do "responder". Esta tese é apenas uma tímida contribuição nesse caminho.

Não menos importante apontar que, no que diz respeito, no caso, a línguas em situação de contato, em se considerando que a comunidade do Libolo é uma área banta sobre a qual se pode afirmar que uma substancial parte dos habitantes é falante do português L2, que tem como substrato direto o quimbundo, variante libolo e que, em alguns casos, os falantes são monolingues em português, as interrogativas globais, ou perguntas sim-não; ou polares, configuram-se como temática de extrema relevância, uma vez que o conjunto de respostas que cada tipo de interrogativa pode receber tem a ver com as "intrincadas" estruturas semânticas e morfossintáticas de contextos responsivos a perguntas sim-não, que devem ser levadas em conta, numa investigação em que se queira "apontar" ***como, por quê e se*** aspectos lexicais, morfossintáticos e semânticos instanciadas nas interrogativas sim-não do PLB, confirmariam hipóteses acerca de reestruturação parcial (HOLM, 2004) – um aspecto importante para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M.; FIGUEIREDO, C.; FREITAS, S.; LOPES, F.; OLIVEIRA, M.; SANTOS, E.; SILVA, R.. "Projeto Libolo". **Organização e Metodologia para Transcrições dos Dados**. Manuscrito, 2014.

BOŠKOVIĆ, Ž. "Be careful where you float your quantifiers". **Natural Language and Linguistic Theory**, pp. 681-742, 2004.

BRITO, A. M. "Categorias Sintáticas" in Mateus, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho (7ªedição), 2006.

BURZIO, L. **Italian syntax: A government-binding approach**. Vol. 1. Springer Science & Business Media, 1986.

CAMPOS, A. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado do Brasil** (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo), 2014.

CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure, and semantic interpretation. In **Semantics: An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics, and psychology**, D.D. Steinberg an L.A., 1971.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Current Studies in Linguistics, Cambridge, Massachusetts: MIT, 1995.

CHOMSKY, N. **Derivation by phase** [MIT Occasional Papers in Linguistics 18]. Cambridge MA: MIT, 1999.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In Martin, Roger; Michaels, David; Uriagereka, Juan (Eds.). **Step-by-step**: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik, p. 89-155. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In Belletti, Adriana (ed.). **Structures and beyond**: the cartography of syntactic structures, p. 104-131. New York: Oxford University Press, vol. 3, 2004.

CHOMSKY, N. **On phases**. MIT, manuscrito, 2005.

CHOMSKY, N. "Problems of projection." **Lingua** 130: 33-49, 2013.

CHOMSKY, N. On Phases. In. Freidin, R.; Otero, C.; Zubizarreta, M. L. (orgs). **Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud,** p.133-166. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2008.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. "Filters and control." **Essays on Restrictiveness and Learnability**. Springer, Dordrecht 42-124, 1990.

CYRINO, S.; MATOS, G. **VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese**: A comparative analysis. Journal of Portuguese Linguistics 1(2), p. 177–195, 2002.

CYRINO, S.; MATOS, G. **Anáfora do complemento nulo: Anáfora profunda ou de superfície? Evidência do Português Brasileiro e Europeu**. Trabalho apresentado no 1º Colóquio Internacional sobre o Português. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2004.

CYRINO, S.; MATOS, G. **Local licensors and recovering in VP ellipsis.** Journal of Portuguese Linguistics 4(2), p. 79–112, 2005.

DOETJES, J. **Quantifiers and Selection.** Tese de Doutoramento, Universidade de Leiden, 1997.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In Mateus, M. H., A. M. Brito, I. DUARTE, H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (eds.):**Gramática da Língua Portuguesa**. Revised and augmented edition. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. "Referência Nominal" in Mateus, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho (7ªedição), 2006.

DUARTE, M. E. **A Perda do Princípio "Evite pronome" no Português Brasileiro**. Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.

DUARTE, M. E. L. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil." **Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp**: 107-128, 1993.

ELISEU, A. M. G. **Verbos ergativos do Português**: descrição e análise. Trabalho apresentado para as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984.

FARKAS, D. F.; BRUCE, K. B. On reacting to assertions and polar questions. **Journal of semantics**, **27**(1), 81-118, 2010.

FIGUEIREDO, C. F. Retratos do Libolo. In: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo; Marcia Santos Duarte de Oliveira. (Org.). **Projeto Libolo - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola**: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.. 1ed.Lisboa: Chiado, v. 2. 2016.

FIGUEIREDO, C. F.; JORGE, L.; OLIVEIRA, M. S. D. Clítico argumental "lhe" no português do Libolo: estrutura formal e Caso (abstrato). In: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo; Marcia Santos Duarte de Oliveira. (Org.). **Projeto Libolo - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola**: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.. 1ed.Lisboa: Chiado, v. 1, p. 253-264, 2016.

FIGUEIREDO, C. F.; OLIVEIRA, M. S. D. **Projeto Libolo - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola**: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.. 1ed.Lisboa: Chiado, v. 1. 2016.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALLEGO, Á. J. **Phase Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

GALLEGO, Á. J. **Phases**. Developing the Framework. Berlin: De Gruyter, 2012.

GALLEGO, Á. J. "Deriving Feature Inheritance from the Copy Theory of Movement". **The Linguistic Review 31**: 41-71, 2014.

GALLEGO, Á. J. **Strong and weak "strict cyclicity" in Phase Theory**. To appear in a Festschrift, 2017.

GALVES, C. Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização do português brasileiro. **Delta**, **42**, 1988.

GALVES, C. **Ensaios sobre as gramáticas do português**. Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, C. "A sintaxe do português brasileiro." **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura** 7.13: 33-52, 1985.

GENGEL, K. Phases and Ellipsis. I**n** Elfner, E.; Walkow, M. **Proceedings of the thirty-seventh annual meeting of the North East Linguistic Society**. Amherst, Mass, 2007.

GUNLOGSON, C. True to form: Rising and falling declaratives as questions in English. Outstanding Dissertations in Linguistics. New York: Routledge, 2003.

GUTHRIE, M. **The classification of the bantu languages**. London: OUP, 2001.

HAMBLIN, C. L. **Questions. Australasian Journal of Philosophy** 36, p. 159–168.

HAUGEN, E. 2001. "Dialeto, Língua, Nação". In BAGNO,M. (org.) Norma linguística. São Paulo. Layola, 1958.

HIGGINBOTHAM, J. On Semantics. In **Linguistis Inquiry** 16, p. 547-593, 1985.

HIGGINBOTHAM, J. The Semantics of Questions. In Lappin, S. (ed). **The Handbook of Contemporany Semantic Theory**. UK: Backwell, 1996.

HOLM, J. **Languages in contact:** the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

HOLMBERG, A. The syntax of yes and no in Finnish. **Studia Linguistica 55**, p. 141-174, 2001.

HOLMBERG, A. Yes/no questions and the relation between tense and polarity in English. In Pierre, P. (ed.) **Linguistic Variation Yearbook**, p. 43-68. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

HOLMBERG, A. Null subjects and polarity focus. **Studia Linguistica 61**, p. 212-236, 2007.

HOLMBERG, A. The syntax of answers to polar questions in English and Swedish. **Lingua 12**8, 31-50, 2013.

HOLMBERG, A. The syntax of the Finnish question particle. In Svenonius, P. (ed.) **Functional Structure from Top to Toe**. Oxford University Press. 266-289, 2014.

HOLMBERG, A. The syntax of yes and no. In Holmberg, A. (2013a) "The syntax of answers to polar questions in English and Swedish". **Lingua 128**, pp. 31-50, 2016.

HORNSTEIN, N.; MARTINS, A.; NUNES, J. "Infinitival complements of perception and causative verbs: A case study on agreement and intervention effects in English and European Portuguese." **University of Maryland Working Papers in Linguistics** 14: 81-110, 2006.

HUANG, C.T. J. **Logical relations in Chinese and the theory of grammar**. Ph.D. diss., MIT, Cambridge, MA., 1982.

HUANG, C.T. J. Pro-drop in Chinese: A generalized control theory. In: Jaeggli, O. & K. Safir (eds.). **The null subject parameter**. Dordrecht: Kluwer, pp. 158-214, 1989.

HUANG, C.T. J.1984. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry 15** (4): 531–574.

HUDSON, J. The Meaning of Questions Author(s): Richard A. Hudson Source: **Language, 51**, No. 1, pp. 1-31 Published by: Linguistic Society of America Stable URL: http://www.jstor.org/stable/413148, 1975.

JONHSON, K. What VP-ellipsis can do, and what it can"t, but not why. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.), **The handbook of contemporary syntactic theory**, 439-479. Oxford/Boston: Blackwell, 2001.

JORGE, L.; OLIVEIRA, M. "“Por Que Que É Assim?” - Considerações sobre Fronteamento de QU em Línguas Crioulas do Atlântico e no Português do Brasil//Considerations on WH-Fronting in Atlantic Creole languages and Brazilian Portuguese." **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico** 22.2: 253-277, 2012.

KATO, M.; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em português". in: M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) **Linguística Aplicada**: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar, Educ, São, 1992.

KATO, M. A. "Affirmative polar replies in Brazilian Portuguese." **Romance Linguistics 2013: Selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), New York, 17-19 April, 2013**. Vol. 9. John Benjamins Publishing Company, 2016.

KATO, M. A., and Esmeralda Vailati Negrão. **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Vol. 4. Iberoamericana, 2000.

LADUSAW, W. A. **Polarity Sensitivity as inherent scope relations**. Doctoral Dissertation, University of Texas at Austin, Austin, Texas, 1979.

LAKA, I. **On the syntax of negation**. New York and London: Garland Publishing, 1994.

LAKA, I. **Negation in syntax--on the nature of functional categories and projections.** Tese de Doutorado. Massachussets Inst. of Technology Cambridge, 1990.

LASNIK, H. Pseudogapping puzzles. **Fragments**: Studies in ellipsis and gapping. Jan 28:141-74, 1999.

LEGATE, J. "Some interface properties of the phase." **Linguistic inquiry** 34.3: 506-515, 2003.

LOBATO, L. A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem. v. 1. **Coleção Lucia Lobato. SALLES, HMML [et al].(Orgs.). Brasília: Link Comunicações e Design**, 2010.

LOBECK, A. **Syntactic Constraints on VP Ellipsis**. PhD Dissertation, Indiana University, 1987.

LOBECK, A. **Ellipsis**: Functional Heads, Licensing and Identification, Oxford, Oxford University Press, 1995.

MARTINS, A. M. Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. **Probus 6**, p. 173-206, 1994.

MARTINS, A. M. Emphatic Affirmation and Polarity. Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese. In **Doetjes, J; Gonzalez H. P. (eds.). Languages and Linguistic Theory 2004**, (pp. 197–224), Amsterdam/Philadelphia, 2006.

MARTINS, A. M. "Emphatic Polarity in European Portuguese and Beyond", **Lingua 128**, 95-123, 2013.

MARTINS, A. M. O sistema responsivo do português europeu: padrões de resposta a interrogativas polares e a asserções. **Manual de Linguística Portuguesa**, p. 581-609, 2016.

MARTINS, A. M. VP and TP Ellipsis: sentential polarity and information structure. In: Susann Fischer and Christoph Gabriel (eds.), **Grammatical Interfaces in Romance**. Berlin/Boston: De Gruyter. 457-485, 2016.

MATOS, G. **Construções de Elipse de Predicado em Português**. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1992.

MATOS, G. Construções Elípticas. Mateus, M. H. et al. (orgs.). **Gramática da Língua Portuguesa**, p. 869-913. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS, G.; CYRINO, S. Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro**. Boletim da Abralin 26**, número especial, p. 386-390, 2001.

MCCLOSKEY, J. "Clause structure, ellipsis and proper government in Irish." **Lingua 85**. 2-3: 259-302, 1991.

MCCLOSKEY, J. "Questions and questioning in a local English." **Crosslinguistic research in syntax and semantics: Negation, tense, and clausal architecture**: 87-126, 2006.

MCCLOSKEY, J. "On the scope of verb movement in Irish." **Natural Language & Linguistic Theory** 14.1,: 47-104, 1996.

MEDEIROS JUNIOR, P. **Sobre sintagmas-Qu e relativas livres no português**. Diss. Dissertação (Mestrado)–Universidade de Brasília–UnB, Brasília, 2005.

MIYAGAWA, S. **Why agree? Why move?: Unifying agreement-based and discourse-configurational languages**. Vol. 54. MIT Press, 2009.

MONEGLIA, M. and Raso, T. Notes on Language into Act Theory. **Spoken corpora and linguistics studies. Amsterdam/NewYork, Benjamins**, pp.468-489, 2014.

OLIVEIRA, M. **Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas**: o seu papel na aquisição. Tese de doutorado, UNICAMP, 1996.

OTT, D. “An Ellipsis Approach to Contrastive Left-dislocation”. **Linguistic Inquiry 45**: 269303, 2014.

OTT, D. “Ellipsis in Appositives”. **Glossa 1**: article 34, 2016.

OTT, D. “Fragment Anchors Do Not Support the Syntactic Integration of Appositive Relative Clauses: Reply to Griffiths & de Vries 2013”. **Linguistic Inquiry 47**: 580-590, 2016.

OTT, D. **The Syntax and Pragmatics of Dislocation**: A Non-templatic Approach. Paper presented at the Annual Meeting of the Canadian Linguistics Association, Ryerson University Toronto, May 27-29, 2017.

PILATI, E., NAVES, R. SALLES, H. "On The Syntax of Subjects in Brazilian Portuguese: Using the “SPLIT”Pronominal Sytem as the Basis for an Alternative Analysis." **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**19: 99-139, 2017.

POLLOCK, Jean-Yves. "Verb movement, universal grammar, and the structure of IP." **Linguistic inquiry** 20.3: 365-424, 1989.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Pontes Editores, 1987.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax.** Dordrecht: Foris, 1982.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In Haegeman, L. (ed.)**Elements of Grammar.**Dordrecht: Kluwer, p. 281-337, 1997.

ROMERO, M. **Two approaches to biased yes/no questions**. In Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics, ed. John Alderete, Chung hye Han, and Alexei Kochetov, 352–360. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005.

ROMERO, M.; CHUNG–HYE, H. On negative yes/no questions. **Linguistics and Philosophy 27**:609–658, 2004.

ROUVERET, A. “VP ellipsis, phases and the syntax of morphology”, **Natural Language and Linguistic Thoery 30**: 3, 897-963, 2012.

SANTOS, A. L. **Minimal Answers: Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese**. Amsterdam: Benjamin, 2009.

SANTOS, E. F. dos. **Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional**. Diss. Universidade de São Paulo, 2015.

SELL, F. S. F. **As Interrogativas do Português Brasileiro: perguntas e respostas.** Tese de Doutorado. UFSC, 2003.

SILVA, R. A. **As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola**. Diss. Universidade de São Paulo, 2017.

SVARTMAN, F. R. F.; JORGE, L. T. L., de Oliveira, M. S. D., & de Lourdes Zanoli, M. A partícula k”no cabo-verdiano de São Nicolau—o “Estado da Arte”. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, **25**(2), 263-301, 2016.

ZUBER, R. **Non-declarative sentences**. John Benjamins Publishing, 1983.